



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIA DINELMA POMPEU GONÇALVES  
ROSILENE FERREIRA DE ALMEIDA

**AQUISIÇÃO DA LEITURA NA CLASSE MULTISSERIADA NA ESCOLA  
MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL DE AJÓ-CAMETÁ/PA.**



CAMETÁ/PA  
2014

MARIA DINELMA POMPEU GONÇALVES  
ROSILENE FERREIRA DE ALMEIDA

**AQUISIÇÃO DA LEITURA NA CLASSE MULTISSERIADA NA ESCOLA  
MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL DE AJÓ-CAMETÁ/PA.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado a Faculdade de Educação da  
Universidade Federal do Pará/Campus de  
Cametá, para obtenção do grau de Licenciado  
Pleno em Pedagogia, sob a orientação do Prof.  
Dr. Ivanildo do Socorro Mendes Gomes.

CAMETÁ/PA  
2014

MARIA DINELMA POMPEU GONÇALVES  
ROSILENE FERREIRA DE ALMEIDA

**AQUISIÇÃO DA LEITURA NA CLASSE MULTISSERIADA NA ESCOLA  
MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL DE AJÓ-CAMETÁ/PA.**

Data de defesa: 03 de Setembro de 2014

Resultado: \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. (Ivanildo do Socorro Mendes Gomes)  
(Universidade Federal do Pará)

---

Prof. Msc. (José Domingos Fernandes Barra)  
Universidade Federal do Pará

CAMETÁ/PA  
2014

Ao nosso Deus por ter nos dado forças e incentivo nos momentos mais difíceis de nossa carreira acadêmica para que tivéssemos coragem para seguir em frente e realizar um sonho.

Ampliamos ainda, a todos os professores e alunos da EMEF de Ajó que nos acolheram no espaço com muito carinho e respeito.

## **AGRADECIMENTOS**

À Jesus Cristo, amigo sempre presente, sem o qual nada teria feito.

À minha mãe Maria das Mercês e amigos, que sempre incentivaram meus sonhos e estiveram sempre ao meu lado.

Aos meus colegas de classe e demais formandos pela amizade e companheirismo que recebi.

Aos meus filhos Camilla e Osvaldo que sempre foram pacientes com minha ausência fora de casa durante o período de minhas aulas.

Ao meu companheiro Everaldo Pompeu que sempre me deu seu apoio.

À minha colega e amiga Rosilene Almeida que sempre esteve do meu lado em todos os momentos de alegrias, e também de dificuldades, sempre me incentivando.

Ao Professor meu orientador Prof. Dr. Ivanildo do Socorro Mendes Gomes que me acompanhou, transmitindo-me tranquilidade durante esse trabalho.

**MARIA DINELMA POMPEU GONÇALVES**

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas em todos os momentos.

À minha mãe Maria Creuza Ferreira Almeida heroína que me deu apoio, incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço.

Em memória ao meu pai Sidinei José Correa Almeida que mesmo não estando aqui me ajudou a superar muitas dificuldades para estar realizando um sonho.

Aos meus irmãos e sobrinhos, que nos momentos de minha ausência, dedicados aos estudos, sempre fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente.

Meus agradecimentos aos amigos Edilma Pinheiro, Eni Lasmar, Ilvia rodrigues, Jadir Batista, Jolielma Simone, Maria Dinelma Renata Xavier, companheiros na amizade que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza.

Ao meu orientador Prof. Dr. Ivanildo do Socorro Mendes Gomes pela confiança, orientação e apoio dedicado à elaboração deste trabalho.

A Universidade Federal do Pará/ Campus Cametá e seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram fazer o curso.

**ROSILENE FERREIRA DE ALMEIDA**

## O PRAZER DE LER

Mais do que palavras, ler é saborear  
Histórias tristes e belas, cenários de encantar  
Mais do que ciência, ler é experimentar  
Ler é sobretudo prazer... prazer de ler  
Ler é não ter medo, ler é liberdade,  
Ler é ser honrado, ser nobre, ser elevado  
Ler é viajar, por terra, por rio e mar  
Ler é sobretudo prazer... prazer de ler  
Ler é ser capaz, ler é ser audaz  
Ler é arriscado, por isso tem cuidado  
Ler é vaguear de dia ou ao luar  
Ler é sobretudo prazer... prazer de ler  
Ler é mais que tudo o que possas imaginar  
Ler é ser alguém, alguém que tem para dar  
Dar e receber, dar para viver  
Ler é sobretudo prazer... prazer de ler

(Eliseu Alves)

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar como ocorre a aquisição da leitura na classe Multisseriada na EMEF de Ajó. Mais especificamente seu intuito é analisar as representações dos professores sobre a leitura na classe Multisseriada, compreender se as metodologias que são utilizadas para trabalhar com a leitura são feitas de forma que os alunos sintam-se motivados a ler com prazer no espaço escolar, identificar os sucessos e fracassos que o aluno vem apresentando em decorrência do processo de leitura desenvolvido na instituição. A metodologia utilizada foi o estudo de caso que é um método qualitativo que consiste, geralmente, em uma forma de aprofundar uma unidade individual. A abordagem utilizada na pesquisa foi a qualitativa porque tem caráter exploratório, isto é, estimula os entrevistados a pensarem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito, já que este é um tipo de pesquisa que é mais apropriado para a análise do assunto em foco. Foi feita uma entrevista semiestruturada, com um roteiro previamente elaborado. Fazer esta pesquisa trouxe para nós, uma nova concepção sobre os métodos pedagógicos que vem sendo utilizados e as estratégias de leitura que a docente do 2º e 3º ano da EMEF de Ajó utiliza para estar auxiliando seus alunos a terem uma melhor compreensão sobre a importância da leitura. Para a realização do presente trabalho, utilizaram-se os estudos teóricos de Bamberger, Freire, Ghiraldelli Junior, Hage, Oliveira, Solé entre outros. Com a nossa pesquisa e as conversas com a professora notamos que a maioria dos alunos do terceiro ano já sabem ler e que os alunos do segundo estão acompanhando os discentes do terceiro ano. Os que não sabem ainda ler estão recebendo auxílio da professora e com certeza vão obter um grande sucesso na leitura e escrita.

**Palavras-chave:** Leitura; Multissérie; Metodologia; Prazer.

## **ABSTRACT**

This paper aims to analyze how the acquisition of reading in class in multisseriate EMEF of Ajó occurs. More specifically its purpose is to analyze the representations of teachers on reading in multisseriate class understand the methodologies that are used to work with reading are made so that students feel encouraged to read with pleasure at school, identify successes and failures that the student is showing a result of the reading process developed in the institution. The methodology used was the case study is a qualitative method that usually consists of a way to deepen an individual unit. The approach used in the research was qualitative because it is exploratory, ie, encourages respondents to think freely about any subject, object or concept, since this is a type of research that is more appropriate for analyzing the subject in focus. One semi-structured interview with a previously prepared script was made. Doing this research has brought to us a new conception of teaching methods that have been used and the reading strategies that the teaching of the 2nd and 3rd year of the EMEF Ajó uses to be helping its students to have a better understanding about the importance of reading. For the present work, we used the theoretical studies of Bamberger, Freire, Ghiraldelli Junio, Hage, Oliveira , Solé among others. With our research and conversations with the teacher noticed that most third graders have read and that students are following the second of third year student. Those who can not read yet are receiving assistance from the teacher and they will surely get a great success in reading and writing.

**KEY-WORDS:** Reading. Multigrade. Methodology. Pleasure.

## **LISTA DE SIGLAS**

Aliança Nacional Libertadora (ANL)  
Coordenação do Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior (CAPES)  
Conselho Municipal de Educação (CME)  
Conselho Nacional de Educação (CNE)  
Conselho Estadual de Educação (CEE)  
Delegacia Regional de Educação (DRE)  
Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF)  
Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)  
Educação de Jovens e Adultos (EJA)  
Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)  
Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN)  
Ministério da Educação (MEC)  
Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL)  
Secretaria de Estadual Educação (SEE)  
Secretaria de Municipal de Educação (SME)  
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC)  
Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI)  
Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)  
Universidade Federal do Pará (UFPA)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPITULO 1: REFLETINDO SOBRE A EDUCAÇÃO BRASILEIRA.....</b>	<b>14</b>
1.1 - HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA.....	14
1.2 - ORGANIZAÇÃO DO SISTEMA DE ENSINO.....	19
1.3 - O QUE ENTENDEMOS POR CLASSES MULTISSERIADAS.....	20
<b>CAPITULO 2: A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DE LEITURA.....</b>	<b>24</b>
2.1 - O QUE É LEITURA.....	24
2.2- A LEITURA DA CRIANÇA DO CAMPO EM CLASSE MULTISSERIADA.....	32
2.3 - ESCOLA DO CAMPO MULTISSERIADA NO MUNICÍPIO DE CAMETÁ/PA: O CASO DA EMEF DE AJÓ.....	34
<b>CAPITULO 3: O OLHAR DOS PROFESSORES NA QUESTÃO DA LEITURA.....</b>	<b>38</b>
3.1- A REPRESENTAÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE A LEITURA NA MULTISSERIE.....	38
3.2 - A METODOLOGIA UTILIZADA PELOS PROFESSORES.....	40
3.3 - SUCESSOS E DESAFIOS NO ENSINO DA LEITURA NA EMEF DE AJÓ- CAMETÁ/PA.....	44
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>46</b>
<b>REFERENCIAS.....</b>	<b>49</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>52</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>55</b>

## INTRODUÇÃO

A escolha do tema leitura deu-se em virtude da necessidade de descobrir de que forma é trabalhado esse processo na classe Multisseriada do 2º e 3º ano na Escola Municipal de Ensino Fundamental de Ajó município de Cametá/PA. O empenho pelo tema leitura origina-se da experiência pessoal porque estudamos as séries iniciais do ensino fundamental em classes multisseriadas em instituições do campo no Município de Cametá /PA. Naquele contexto, como alunas, observamos que os professores não tinham muitas técnicas atualizadas, pois utilizavam métodos mais tradicionais para que assim pudessem obtivessem uma melhor atuação em classe multisseriadas, levando em conta que as salas eram bastante lotadas e com alunos de séries e idades bem diferentes.

É interessante analisar a aquisição da leitura na Escola Municipal de Ensino Fundamental de Ajó no Município de Cametá/PA porque lá todas as turmas são multisseriadas. Os alunos são todos filhos de trabalhadores do campo, onde se percebe muitas vezes que os mesmos encontram dificuldades a caminho da escola porque são crianças pequenas e vem sem companhia de um responsável para a escola. Chegam atrasados, cansados e sem vontade de ler ou escrever, pois no local não se fazia presente transporte escolar. Também é importante destacar que a mesma comunidade vive em condições econômicas não muito favoráveis, e que os pais dos estudantes veem a escola como principal meio para seus filhos aprenderem e, um dia, mudarem de vida, podendo assim ter uma vida bem melhor de que vive hoje. Segundo Bamberger (1997, p.11) “[...] o direito de ler significa igualmente o direito de desenvolver as capacidades intelectuais e espirituais da pessoa, o direito de aprender e progredir”.

São grandes as dificuldades que um aluno do campo encontra nas classes multisseriadas, mas os professores também sofrem bastante porque além de professores são serventes, cozinheiros, faxineiros, porteiros na escola, ou seja, fazem de tudo. Lembro quando estudava na multisserie quando a professora sempre passava sete horas da manhã “embarcando” os alunos nas suas casas para levar para a escola. Chegava, às vezes, quase oito na escola “enchia” o quadro-negro de textos e quando davam nove horas nos deixava copiando e ia para a casa da vizinha fazer a merenda. Quando estava pronta servia a todos. Após a merenda, cada um lavava seus pratos para só depois a professora ler e dizer o que estava escrito no quadro já que sabíamos ler pouco, somente escrevíamos. De acordo com Freire (1987, p. 33) esse tipo de educação chama-se “educação bancária”,

Em lugar de comunicar-se, o educador faz comunicados e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fixadores das coisas que arquivam.

O aluno recebe tudo o que o professor tem a dizer e então vai arquivando ou memorizando para fazer as avaliações e passar de ano. Pouco tempo após as provas esquece tudo porque apenas memorizou com aquela finalidade.

Como fomos alunas de multisserie, hoje observamos que aqueles estabelecimentos de ensino eram considerados uma busca por futuros melhores pelas famílias, pois era praticamente a oportunidade que as famílias viam para seus filhos aprenderem a ler e escrever. Por isso apesar de todas as dificuldades mandavam seus filhos para a escola.

É interessante ressaltar que a opção em realizar a análise na EMEF de Ajó no Município de Cametá/PA, deu-se por esta se encontrar localizada em uma área afastada da cidade e atender a comunidade local. Nessa pesquisa busca-se analisar o ensino da leitura na EMEF de Ajó no 2º e 3º ano do ensino fundamental.

Pretendemos por meio de esta pesquisa analisar a aquisição da leitura do 2º e 3º ano na EMEF de Ajó problematizando sobre o ensino da leitura, observando se os alunos e professores se interessam pela leitura, descobrindo o quanto é importante para sua formação intelectual e para o desenvolvimento socioeconômico e cultural, para sua escola e para o Município de Cametá, contribuindo para a melhoria da qualidade de ensino, principalmente da classe Multisseriada. Para nossa pesquisa buscaremos respostas para a seguinte problemática: Como se dá o processo de aquisição da leitura na classe Multisseriada na EMEF de Ajó Cametá/PA?

Para responder aos questionamentos elencamos o objetivo mais geral para analisar como ocorre a aquisição da leitura na classe Multisseriada na EMEF de Ajó. E mais especificamente os seguintes objetivos, analisar as representações dos professores sobre a leitura na classe Multisseriada, observar quais metodologias são usadas para trabalhar a leitura na sala de aula e por final identificar os sucessos e fracassos que o aluno vem apresentando em decorrência do processo de leitura desenvolvido na instituição.

Para a realização do presente trabalho, utilizaram-se os estudos teóricos de Bamberger (1997), Freire (1989), Ghiraldelli Junior (2000), Hage (2010), Oliveira (2011), Solé (1998) entre outros.

A metodologia utilizada é o estudo de caso que é um método qualitativo que consiste, geralmente, em uma forma de aprofundar uma unidade individual. A abordagem utilizada na pesquisa foi a qualitativa porque tem caráter exploratório e mais detalhado, isto é, estimula os entrevistados a pensarem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito, já que este é um tipo de pesquisa que é mais apropriado para a análise do assunto em foco. É importante destacar que o estudo de caso permite que o pesquisador passe do contexto descritivo para o contexto interpretativo considerando que qualquer unidade passe a ser um todo; procura retratar a realidade de forma completa e profunda.

Estudo de caso é uma abordagem que considera qualquer unidade social como um todo. Quase sempre esta abordagem inclui o desenvolvimento dessa unidade, que pode ser uma pessoa, uma família ou outro grupo social, um conjunto de relações ou processos (como crises familiares, ajustamento à doença a formação de amizade, invasão étnica de uma vizinhança, etc.) ou mesmo toda uma acultura. (PÁDUA, 2004, p. 74).

Segundo a afirmação acima citada pode se dizer que esse tipo de metodologia é mais viável para o estudo sobre o tema desta pesquisa, pois se analisará nesta pesquisa o caso de uma turma de alunos do 2º e 3º ano do ensino fundamental sobre a aquisição da leitura na EMEF de Ajó.

Foi feita uma entrevista semiestruturada, com um roteiro previamente elaborado. A entrevista semiestruturada aproxima-se mais de um diálogo, focada em determinados assuntos, do que numa entrevista formal. Baseia-se numa entrevista adaptável e não rigorosa. O benefício desta técnica é a sua flexibilidade e a possibilidade de rápida adaptação. Assim, “Esse papel atribuído ao instrumento humano decorre de sua extrema adaptabilidade, o que leva esses autores a recomendarem que, nos estágios iniciais do trabalho de campo ele seja, não apenas o principal, mas o único instrumento de investigação.” (GUBA E LINCOLN, 1989, s/p).

Nós, como pesquisadoras, combinamos a observação com entrevistas e análise de documentos para que pudéssemos obter uma melhor investigação. Analisamos o Projeto Político Pedagógico da EMEF de Ajó, sendo este de muita importância para nossa pesquisa. Através da entrevista e da observação obtemos muitas informações que nos auxiliou no entendimento sobre a leitura na multisserie.

Entende-se que a observação possibilitará melhor investigação sobre o assunto abordado permitindo aproximação do investigador com o objeto de estudo. É preciso que o sujeito entrevistado fale um pouco sobre si, mostrando interesse pelo assunto, ou seja, é uma entrevista mais informal feita pelo entrevistador. A observação é a ferramenta que mais

fornece detalhes ao pesquisador, por basear-se na descrição. Sendo observação e a entrevista os instrumentos mais utilizados em pesquisa qualitativa, bem como o questionário. Devido os comportamentos observados não serem predeterminados, é importante que o pesquisador faça parte da situação observada, permanecendo por longo período com os sujeitos investigados, compartilhando seu cotidiano, ou seja, se colocando no lugar do mesmo.

No primeiro capítulo apresentamos uma discussão sobre a história da Educação Brasileira desde a chegada dos europeus no Brasil, de que forma está organizado o sistema de ensino focando nas escolas multisseriadas do campo. No segundo, abordamos um breve histórico da leitura buscando mostrar de que forma essa prática é utilizada na classe Multisseriada. No terceiro apresentamos a análise dos dados sobre os sucessos e desafios que os alunos enfrentam e o que os professores pensam a respeito da leitura na multisserie.

## CAPITULO 1

### A EDUCAÇÃO BRASILEIRA: UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA

Neste capítulo o nosso principal objetivo é apresentar de como ocorreu a educação brasileira desde a chegada dos jesuítas, os principais momentos que aconteceram nesse período envolvendo a educação até a abertura política, mostrando que os avanços que apresenta atualmente.

#### 1.1 – HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

A história da educação brasileira foi evoluindo de acordo com algumas rupturas que aconteceram no decorrer da história do Brasil, pois quando os europeus chegaram em terras brasileiras já existia uma educação indígena, sendo que esta foi substituída pelo modelo de educação europeia. Ainda existe esse modelo de educação informal onde os índios aprendem de acordo com a sua cultura e experiência.

O modelo de educação trazida pelos jesuítas em março de 1549, teve como marco a criação da primeira escola em Salvador, tendo como mestre o Irmão Vicente Rodrigues. Bello (2001, s/p) diz que “[...] o irmão Vicente tornou-se o primeiro professor nos moldes europeus, em terras brasileiras, e desde 1550 dedicou-se ao ensino e a propagação da fé religiosa [...]”. Mas para isso antes de tudo precisavam ensinar os mesmos a ler e escrever para poder disseminar a fé religiosa, com isso acabou dando certo para os europeus contradizendo a cultura indígena, pois, vinte anos depois já existiam muitas outras escolas e colégios em diversos lugares. Segundo Bello (2001, s/p)

Todas as escolas jesuítas eram regulamentadas por um documento, escrito por Inácio de Loiola, o Ratio Studiorum<sup>1</sup>. Eles não se limitaram ao ensino das primeiras letras; além do curso elementar mantinham cursos de Letras e Filosofia, considerados secundários, e o curso de Teologia e Ciências Sagradas, de nível superior, para formação de sacerdotes. No curso de Letras estudava-se Gramática Latina, Humanidades e Retórica; e no curso de Filosofia estudava-se Lógica, Metafísica, Moral, Matemática e Ciências Físicas e Naturais.

Com isso podemos perceber que quando os jesuítas chegaram ao Brasil trouxeram alguns métodos pedagógicos como o Ratio Studiorum que foram de grande importância para a elite europeia porque facilitou muito para atender os seus interesses que era colonizar o Brasil, assim como também trouxeram novos hábitos para população indígena que não aceitavam ser escravizados e muito menos serem adeptos de novas culturas.

---

<sup>1</sup> O Ratio Studiorum documento escrito por Inácio de Loiola que regulamentava as escolas jesuítas.

Então Marquês de Pombal, após expulsar os Jesuítas, implantou o Subsídio Literário, imposto cobrado para financiar a educação.

Já que os jesuítas haviam sido expulsos precisavam pagar outros professores para lecionar, mas como os impostos não eram cobrados devidamente, então os professores ficavam muito tempo sem receber e geralmente não eram bem qualificados. Esse método acabou não dando certo. Somente em 1808 com a chegada da família real no Brasil é que começaram a surgir academias militares, escolas de direito, biblioteca real entre outras.

Para que o impasse e a falta de política adequada chegassem ao fim, foi criado o método Lancaster ou do “ensino mutuo”, em 1823, onde um aluno treinado ensinava um grupo de dez alunos sob a rigorosa vigilância de um inspetor, onde o aluno com mais instrução deveria ensinar outros dez que ainda não tinham o devido conhecimento.

A educação continuava a ter pouca importância e sem qualidade, pois se observava que em outros países a educação já apresentava um avanço significativo. As primeiras universidades brasileiras a surgir foram a do Rio de Janeiro (em 1920), a de Minas Gerais (em 1927), a de Porto Alegre (em 1934) e a Universidade de São Paulo (em 1934).

O sistema nacional de ensino apresentava como objetivo reduzir o analfabetismo e incentivar a universalização da instrução popular, ou seja, garantir o acesso à escola. Segundo Saviani (2008, p. 3) “[...] o Brasil, porém, retardou essa iniciativa chegando ao final do século XX sem realizar esse objetivo”. Alguns países envolvidos no objetivo de reduzir o analfabetismo e incentivar universalização da instrução conseguiram avançar, mas infelizmente o Brasil até nos dias de hoje ainda apresenta algumas características de que esse avanço retardou um pouco.

Quando se deu a expulsão dos jesuítas em 1759, a soma dos alunos de todas as instituições jesuíticas não atingia 0,1% da população brasileira, pois delas estavam excluídas as mulheres (50% da população), os escravos (40%), os negros livres, os pardos, os filhos ilegítimos e crianças abandonadas (MARCÍLIO 2005, p. 3)

Somente em 15 de outubro, de 1827, foi promulgada a lei que obrigava a criação de "escolas de Primeiras Letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império", tanto para meninos quanto para meninas. Antes apenas os homens eram os que tinham acesso à escola, compreendendo um pequeno grupo. Segundo o professor Paschoal Lemme<sup>2</sup> apud Ghiraldelli (2003, s/p) na primeira república:

---

<sup>2</sup> O professor Paschoal Lemme nasceu em 1904 e militou no ensino público desde os 20. Foi signatário do manifesto dos pioneiros da Educação Nova de 1932, representando a ala esquerda do grupo.

“[...] as poucas escolas públicas existentes nas cidades eram frequentadas pelos filhos das famílias de classe média”. Os ricos contratavam preceptores, geralmente estrangeiros, que ministravam aos filhos o ensino em casa, ou os mandavam a alguns poucos colégios particulares, leigos ou religiosos, funcionando nas principais capitais, em regime de internato ou semi-internato. Muitos desses colégios adquiriram grandes notoriedades.

Em todo o vasto interior do país havia algumas precárias escolinhas rurais, em cuja maioria trabalhava professores sem qualquer formação profissional, que atendiam as populações dispersas em imensas áreas: eram as substitutas das antigas aulas, instituídas pelas reformas pombalinas, após a expulsão dos jesuítas, em 1763.

Percebe-se que ainda não havia escolas públicas de boa qualidade, aquelas consideradas melhores eram apenas para as classes mais favorecidas. Nesse período eram priorizados o ensino secundário e o superior. Contudo isso acontecendo a elite passou a pressionar o Estado para a implantação de uma escola pública de qualidade para que seus filhos pudessem frequentar.

Com a Reforma Benjamim Constant, em 1891, foi organizado o ensino secundário, primário, normal e a criação do Pedagogium (o centro de aperfeiçoamento do magistério), só que mais uma vez a educação foi sufocada por causa do abrandamento do entusiasmo pela educação em 1894. Segundo Ghiraldelli Jr (2003, s/p)

O entusiasmo pela educação teve caráter quantitativo, visando a expansão da rede escolar e desalfabetizar o povo. O otimismo pedagógico teve caráter qualitativo, importava-se com a otimização do ensino, ou seja, com a melhoria das condições didáticas e pedagógicas da rede escolar.

Só que, em 1911, o governo federal promoveu a Lei Rivadavia Correia<sup>3</sup>, onde os estabelecimentos escolares teriam total liberdade, com isso acabou desoficializando o ensino. Em 1915, a Reforma Carlos Maximiano oficializou novamente o ensino, regulamentou o acesso às escolas superiores, mas a educação foi se desenvolvendo de forma distinta em cada estado.

Segundo Ghiraldelli Jr. (2000, p. 28). “O ensino primário oficial em São Paulo se originou em dois cursos; o curso preliminar (para crianças entre 7 e 15 anos) e o curso complementar”. O curso preliminar se concretizou através de seis modalidades de escolas: as escolas preliminares, as escolas intermediárias, os grupos escolares, as escolas provisórias, as escolas noturnas e as escolas ambulantes.

---

<sup>3</sup> A Lei Rivadavia Corrêa, Lei Orgânica do Ensino Superior e Fundamental foi implementada em 5 de abril de 1911 pelo decreto nº 8.659. Esta Reforma adotava a liberdade e a desoficialização do ensino no país, retirando da União a posse da criação de instituições de ensino superior.

Por volta dos anos de 1930 surgiram projetos a fim de construir um “novo Brasil”. De um lado estavam os liberais profissionais da educação que defendiam a pedagogia nova e que publicaram o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”<sup>4</sup> (1932). Estes tinham como principal objetivo a reformulação da política educacional e a renovação das bases pedagógicas e de outro os Católicos que defendiam a pedagogia tradicional. Enquanto isso o Governo Getúlio Vargas ficava neutralizado em meio a tanta disputa.

Mas logo surgiu a força das camadas populares com a nomenclatura de Aliança Nacional Libertadora (ANL). O Estado Novo em 1937 passou a ser visto como uma ditadura, sem partidos legais e sem eleições. Tudo girava em torno do capitalismo, a mão-de-obra para as novas atividades abertas para o mercado, o qual exigia qualificações por parte dos trabalhadores.

Nesse período a educação, a arte, a ciência e o ensino tornou-se iniciativa individual e à associação tanto pública, onde as escolas são mantidas pelo poder público, quanto privada, mantida por pessoas físicas ou jurídicas. Mantendo, contudo, a gratuidade e a obrigatoriedade do ensino primário. Nota-se que naquele período o trabalho intelectual era das classes mais favorecidas, pois eram eles que tinham mais acesso à educação intelectual e o trabalho pesado, que eram do ensino profissional para as classes menos favorecidas.

Em 1942, por iniciativa do Ministro Gustavo Capanema é reformado alguns ramos do ensino, onde acaba sendo criado o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), valorizando assim o ensino profissionalizante.

Com o Período da Nova República em 1946 a 1963, foi proposta uma nova Constituição de invento liberal e democrático que obrigava o cumprimento do ensino primário e considerava que a educação era um direito de todos, assim como pregavam os pioneiros no Manifesto dos Pioneiros da educação nos anos de 1930. Nesse mesmo ano, de 1930, foi criado o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) pelo Ministro Raul Leitão da Cunha o qual também regulamenta o Ensino Primário e o Ensino Normal.

Baseado nos princípios vindos da Carta Magna de 1946, o Ministro Clemente Mariani, cria uma comissão para reforma geral da educação. De acordo com Bello (2001, s/p) esta comissão, presidida pelo educador Lourenço Filho, era organizada em três subcomissões: uma para o Ensino Primário, uma para o Ensino Médio e outra para o Ensino Superior.

---

<sup>4</sup> O “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” se pautou pela defesa da escola pública obrigatória, laica e gratuita.

A maior discussão foi sobre a questão da responsabilidade do Estado quanto à educação. Mas todas as iniciativas tomadas para a educação não obteve o resultado esperado, já que em 1964 ocorreu o golpe militar, levando a educação a assumir um caráter antidemocrático. Bello (2001, s/p) afirma que:

Professores foram presos e demitidos; universidades foram invadidas; estudantes foram presos e feridos, nos confronto com a polícia, e alguns foram mortos; os estudantes foram calados e a União Nacional dos Estudantes proibida de funcionar; o Decreto-Lei 477 calou a boca de alunos e professores.

Aqueles que eram considerados culpados de subversão ao regime eram perseguidos, presos, torturados e mortos pelos militares. Alguns professores foram demitidos e não conseguiam trabalho em nenhuma outra instituição educacional do país por cinco anos. Já os estudantes eram expulsos e eram proibidos de cursarem qualquer universidade por três anos.

Com o Golpe de 1964, quando se instalou o período autoritário, o sistema educacional brasileiro passou por muitas mudanças, entre elas o surgimento, em 1951, da atual Fundação Coordenação do Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior (CAPES) e a instalação do Conselho Federal de Educação; em 1961, surgiram campanhas e movimentos de alfabetização de adultos, além da expansão do ensino primário e superior.

Para erradicar o analfabetismo surgiu o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), em 1967. Funcionou, mas não com os resultados esperados e por causa de denúncias por corrupção foi encerrado. No lugar do MOBRAL foi criado a Fundação Educar a qual tinha o objetivo de promover programas de estímulo à leitura. Esse período de repressão foi muito rigoroso, pois não era permitida qualquer expressão contrária ao governo.

Com o término do regime militar se dá o período da abertura política, a partir de 1986. Foi o momento em que pensadores passam a falar de educação num sentido mais amplo. Mesmo com todos os acontecimentos no pós Diretas Já<sup>5</sup>, a educação brasileira não obteve muitas melhorias na questão da qualidade.

Agora o que se espera é que a educação obtenha um melhor investimento para que um dia o analfabetismo seja erradicado e a educação passe a ser mais valorizada e que ganhe características próprias do Brasil.

---

<sup>5</sup> Diretas Já foi um dos movimentos de maior participação popular, da história do Brasil. Teve início em 1983, no governo de João Batista Figueiredo e propunha eleições diretas para o cargo de Presidente da República. A campanha ganhou o apoio dos partidos PMDB e PDS, e em pouco tempo, a simpatia da população, que foi às ruas para pedir a volta das eleições diretas.

## 1.2 – ORGANIZAÇÃO DO SISTEMA DE ENSINO

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB 9.394/96) que estabelece a finalidade da educação no Brasil, apresenta como a educação está organizada e quais são os órgãos administrativos responsáveis e os níveis e modalidades de ensino.

O Ministério da Educação (MEC) e o Conselho Nacional de Educação (CNE) são responsáveis pela educação no Nível Federal no que diz respeito à criação de normas e políticas. No nível Estadual temos a Secretaria Educação (SEE), o Conselho Estadual (CEE), a Delegacia Regional de Educação (DRE) ou subsecretaria de educação. No nível Municipal abrange a Secretária Municipal de Educação (SME) e o Conselho Municipal de Educação (CME).

A educação no Brasil, acordo com o art. 21 da lei nº 9.394/96, está organizada em dois níveis: Educação Básica, que é constituída pela Educação Infantil, pelo Ensino Fundamental e pelo Ensino Médio; e Ensino Superior. Além disso, existem também as modalidades de ensino no Brasil que são: Educação de Jovens e Adultos (EJA), abrangendo o Ensino Fundamental e o Ensino Médio; Educação Profissional ou Técnica; Educação Especial; e Educação à Distância (EAD).

De acordo com a LDB nº 9.394/96, art. 8, § 1º, caberá à União a coordenação da política nacional de educação, articulando os diferentes níveis e sistemas e exercendo função normativa, redistributiva e supletiva em relação às demais instâncias educacionais.

No art. 10, inciso VI, diz que cabe ao Estado assegurar o Ensino Fundamental e oferecer, com Prioridade, o Ensino Médio a todos que o demandarem; cabe ao Distrito Federal (DF) incumbir-se das instituições de ensino fundamental, médio e de educação infantil, criadas e mantidas pelo poder público do DF e também privados. Segundo o art. 18 da LDB os sistemas municipais de ensino compreendem as instituições do ensino fundamental, médio e de educação infantil, mantidas pelo Poder Público municipal.

Segundo França (2009, p. 26), “[...] no ordenamento jurídico brasileiro foi estabelecido que fosse dever do Estado garantir o direito à educação pública, gratuita, laica e de qualidade para toda a população”. Todas essas diretrizes estão aferidas na LDB, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, mesmo assim não significa que tenha havido, até o momento, avanços significativos nessa área, embora se tenha verificado mudança no quadro geral da educação do país.

De acordo com a LDB 9.394/96, no art. 23,

A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não-seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar.

O que se percebe é que a educação é um direito de todos e que não importa se a educação ocorra em forma de ciclo, séries ou de qualquer outra forma, o que importa é que seja em qualquer lugar que tenham mais de três alunos a educação tem que estar presente, podendo ser inclusive no modelo multisseriado, já que essa forma de educação não é considerada uma modalidade e sim um segmento do ensino fundamental, criado para minimizar as mazelas encontradas na educação dos indivíduos do campo onde há a falta de professores suficientes para ministrar aulas.

Como a região campesina é uma região muito extensa os alunos moram muitas vezes afastados da escola e acabam sendo criadas muitas escolas, em cada comunidade, com poucos alunos, gerando assim as classes multisseriadas com alunos de idades e níveis diferentes.

Por causa dessas dificuldades o governo criou o sistema de nucleação onde os alunos são retirados da sua comunidade, da sua escola para serem transferidos para outra escola seriada, muitas vezes distante de sua residência ou até mesmo para a cidade. Só que essa forma de educação não resolveu os problemas das multisserie. Muitos desses educandos desistiram de estudar devido à distância e a dificuldade do trabalho, pois, muitas vezes não podem ir para longe para frequentar as aulas, pois precisam ajudar os pais no trabalho, que por sua vez não acompanham com muita frequência os filhos porque a escola ficava distante.

Para que os problemas na multisserie sejam minimizados é preciso que se criem normas e leis para garantir uma melhor educação para todos sem precisar retirar esses indivíduos de suas comunidades, de sua escola e principalmente sem perder a sua identidade cultural.

### 1.3 – O QUE ENTENDEMOS POR CLASSES MULTISSERIADAS

A Educação do Campo é composta principalmente por classes multisseriadas assinaladas pelos dados do Censo Escolar de 2006 apud Hage (2011). Segundo o referido Censo, há 50.176 estabelecimentos de ensino espalhados nos 4.485 municípios rurais do

nosso país exclusivamente formado por classes multisseriadas, com 1,8 milhão de alunos matriculados.

Essas informações correspondem a um significativo número de matrícula do campo na Educação Básica. Percebe-se que o número é bastante expressivo no país inteiro. A respeito da escola Multisseriada o que se sabe é que surgiram logo após a expulsão dos padres jesuítas por Marquês de Pombal. O número da população residente no campo era bem significativa, mas não havia professores suficientes para ensinar todos, cada um em sua idade própria. A única solução encontrada foi juntar crianças e adultos para serem alfabetizados.

Em 1927, as classes multisseriadas foram oficializadas pelo governo Imperial, por Ordem da Lei Geral do Ensino (SOUSA, 2010). Permitindo agruparem num mesmo espaço alunos de diferentes níveis de escolarização e idades, com um único professor (ATTA, 2003). Conforme Carvalho (2004, pp. 187-188):

As aulas eram dadas na casa do próprio professor e apenas eventualmente aproveitou um prédio anteriormente ocupado pelos jesuítas ou outro tipo de convento, para local de ensino. Assim, não era preciso um edifício escolar para que a escola existisse. Foi só na década de 1870 que se construíram os primeiros edifícios escolares para funcionarem como escola pública no Brasil, sendo o primeiro deles no Rio de Janeiro.

Só a partir da década de 1920 é que as escolas foram se organizando por série, sexo e idade, sobretudo nas cidades, vilas e povoados e também na zona rural.

Mesmo que as escolas seriadas fossem referência nos lugarejos mais povoados, em muitos lugarejos a baixa densidade populacional impulsionou a multisseriação que permaneceu funcionando para atender as populações que residem nas localidades distantes, o que acontece até hoje (SANTOS e MOURA, 2010, s/p)

Analisando esse modelo de ensino, percebemos que o estudante tem pouco aproveitamento nos estudos e a repetência é motivada principalmente pelos problemas de apropriação da leitura e da escrita. Segundo Hage (2011) isso aconteceu devido os professores que são educadores de escolas multisseriadas, acabarem tendo trabalho em dobro por causa da quantidade de alunos de series e idades diferentes

Em relação à multisserie o referido autor afirma que:

A escola Multisseriada é difícil não só para as crianças que necessitam estudar nesses estabelecimentos, mas também para os professores já que a maior parte destas escolas funciona em espaços inadequados, isolados, sem área de lazer, sem acompanhamento pedagógico, distante da residência do professor, além do fato de que o material pedagógico é precário e descontextualizado. Nesse cenário de fatores, são poucas as crianças que conseguem aprender a ler, escrever e permanecer na escola e no campo (Idem, s/p).

Todas essas dificuldades causam a falta de interesses em estudar por parte dos educandos que sofrem com o tipo de educação que é desenvolvida no campo, principalmente na questão de falta de merenda escolar que muitas vezes chega atrasada por causa da longa

distância. Com isso os alunos acabam saindo mais cedo do que o horário previsto; outros alunos faltam bastante por motivo de estar trabalhando com a família para o sustento do lar, visto que, muitas vezes, enfrentam problemas financeiros, residem distante e não tem transporte, acordam na madrugada para chegarem a tempo de assistir aula sem nenhum incentivo.

O aluno no final acaba não obtendo sucesso no seu processo de ensino/aprendizagem porque é muito difícil chegar à escola e se concentrar no estudo, por consequência disso muitos educando abandonam a escola por falta de condições de trabalhar para se manter e estudar ao mesmo tempo.

Apesar de estar exposto no Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) – Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990 –, no Art. 53, Inciso V, que afirma que o acesso à escola pública e gratuita deve ser garantido próximo da residência do aluno, mas os desafios no campo continuam, pois na maioria das vezes a escola fica muito distante do ambiente familiar. Percebe-se, então, que esses educandos acabam por ter seus direitos violados. Segundo Hage (2011, p. 125):

Professores e estudantes enfrentam muitas dificuldades em relação ao transporte e as longas distâncias percorridas para chegarem a escola, vindo a pé, de barco, bicicleta, ônibus, a cavalo, muitas vezes sem se alimentar, enfrentando jornada que cegam a 1 Km e que tornam 8h diárias no percurso. A proximidade entre o rural e urbano a cada dia vem interferindo nos valores, e costumes do campesino.

Os docentes também sentem muitas dificuldades porque geralmente as salas são superlotadas com alunos de idades diferentes e necessidades distintas, sem terem a oportunidade de aperfeiçoar seus conhecimentos para poder ensinar melhor seus alunos.

Segundo Hage (2010, p. 27), em classes multisseriadas:

[...] os professores tem dificuldade de organizar, o processo pedagógico, porque trabalham com a visão de junção de várias series ao mesmo tempo, e tem que elaborar tantos planos de ensino e estratégias de avaliação da aprendizagem diferenciados quanto forem as séries com as quais trabalham.

As escolas geralmente funcionam em barracões, casas de professores sem espaço para as crianças brincarem e quase sempre com um único professor em sala de aula atendendo alunos de séries e idades diferentes. Isso acaba causando transtornos no processo de avaliação, já que tem que ser avaliado de forma diferenciada. Baptista (2003, p. 20) diz que:

Apesar de o Brasil ser considerado um país de origem eminentemente agrária a educação rural aqui nunca foi algo de interesse dos governantes ficando sempre

relegada a segundo e a terceiro plano, “apêndice” da educação urbana. Foi e é uma educação que se limita à transmissão de conhecimento já elaborada e levada aos alunos da zona rural com as mesmas metodologias usadas nas escolas da cidade.

De fato não teve uma lei explícita que abrangesse as necessidades das escolas do campo já que há uma diferença entre a escola do campo e a escola da cidade. Por exemplo, na cidade os investimentos na infraestrutura são muito mais expressivos do que na zona rural, visto que em muitas comunidades ainda não se faz presente a energia elétrica e isso impede a utilização de recursos tecnológicos na sala de aula, os professores dificilmente recebem formação para trabalhar com classes multisseriadas, tem pouco auxílio da secretaria entre outros desafios;

[...] as classes multisseriadas no campo não são atendidas pelas secretarias quanto a assessoria pedagógica, merenda escolar, recursos didáticos pedagógicos e formação continuada, fortalecendo o descaso educacional e a precariedade da educação rural [...] (BARROS, 2004, p. 22).

De fato uma das maiores reclamações dos professores e coordenadores da escola do campo é falta de assessoramento por parte das secretarias principalmente na questão de formação continuada para os professores. Pois o que dificulta mais as condições da escola multisseriadas no campo são as condições de trabalho que os docentes se deparam na escola que não são muito favoráveis. Outro problema enfrentado é a dificuldade de planejar a aula porque os alunos são de faixas etárias diferentes então os professores ficam sem muita opção. Segundo Hage (2008, p. 3)

A alternativa mais utilizada pelos professores para viabilizar o planejamento tem sido seguir as indicações do livro didático, sem atentar com clareza para as implicações curriculares dessa atitude, uma vez que esses manuais didáticos têm imposto a definição de um currículo deslocado da realidade e da cultura das populações do campo da região.

É de grande importância que se tenha políticas públicas voltadas para a formação continuada de professores para que esses mesmos possam ter metodologias inovadoras para que os educandos tenham uma educação de qualidade, principalmente no que diz respeito ao processo de aquisição da leitura pela criança, tema este que será o foco das discussões no capítulo 2.

## **CAPITULO 2**

### **A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE LEITURA**

Neste capítulo buscaremos mostrar o conceito de leitura, qual a sua importância para na vida do ser humano e o que os docentes pensam sobre leitura na multisserie. Já que a leitura tem importantes resultados na construção do conhecimento, por isso, deve ser desenvolvida com as crianças como um momento de prazer para que não se torne difícil. É importante que a escola se torne um local agradável e não uma frustração para as crianças. Para que isso não ocorra o educador precisa tirar proveito dos conhecimentos de mundo que a criança já possui para que se torne uma leitura prazerosa de acordo com a sua experiência.

#### **2.1 – O QUE É LEITURA**

O homem no percurso de sua vida veio sempre criando modos de se comunicar com os outros então a escrita foi uma dessas formas mais importantes de registrar suas ações por meio de desenhos nas cavernas, os quais podem ser lidos por especialistas e decifrar como viveram nossos antepassados. Através desses conhecimentos o homem vai se constituindo como sujeito através de seus antepassados.

Com a chegada dos portugueses ao Brasil os jesuítas passaram a ensinar os índios a ler e escrever com o objetivo de civiliza-los através de catequese.

Esse processo de educação que se deu no Brasil pelos jesuítas trouxe novos hábitos e costumes para os índios e não beneficiou a grande maioria, pois os índios passaram a conviver com diferentes culturas e linguagens. Para catequizar os primeiros habitantes do Brasil, os jesuítas tiveram que aderir à linguagem dos mesmos para que assim pudessem comunicar entre si. Os jesuítas começaram a ensinar os índios, mestiços e filhos dos colonos portugueses, mas algum tempo depois o ensino se expandiu aos colégios tendo como principais frequentadores os filhos dos colonizadores que estudavam: Filosofia, Latim e Teologia.

O Brasil passou por muitas dificuldades na questão de organização educacional por muito tempo. Sendo que no fim do período imperial os homens analfabetos não poderiam votar pela lei da Câmara dos Deputados de 1881/Lei Saraiva. Mas com a Constituição de 1988 o voto passou a ser facultativo aos mesmos. Mesmo com esse direito garantido eram discriminados e vistos como um problema político.

Percebe-se que existem ainda alguns pais que não são acostumados a ler, portanto não tem como influenciar seus filhos a ter o prazer pela leitura; pouca condição de comprar, até mesmo o caderno usado no dia a dia da escola, muito menos livros, entre outros fatores. Acaba que essa responsabilidade é repassada para a escola que muitas vezes não tem o mínimo de condição de oferecer uma educação de qualidade para os alunos, tenta cumprir seu dever, muitas vezes em vão por falta de recursos ou professores qualificados.

Oliveira (2010, p. 19) enfatiza que “[...] a palavra ler vem do latim *legere*, que significa, ao mesmo, ler é colher, ou seja, a arte de colher ideias”. Ressalta Freire (1989, p. 28) que é necessário desenvolver ações no sentido de ir “[...] desafiando os alfabetizados a ler criticamente e escrever, ao mesmo tempo em que se prossegue no estímulo à sua oralidade”. Porque o indivíduo que sabe ler e escrever tem mais facilidade de interpretar textos, e, com isso, desenvolver uma linguagem clara e concisa.

Ao se tratar da questão de leitura no processo de ensino-aprendizagem é preciso que se leia com muita atenção para se ter uma melhor apropriação do conhecimento. A leitura, nesse sentido vai além da escrita, ou seja, não basta apenas que se dê uma “passada de olhos” no texto e dizer que já leu. Para que se obtenha maior sucesso o indivíduo precisa de estímulo para poder compreender melhor o que está lendo. Segundo Cagliari (1997, p. 150),

A leitura é, pois, uma decifração e uma decodificação. O leitor deverá em primeiro lugar decifrar a escrita, depois entender a linguagem encontrada, em seguida decodificar todas as implicações que o texto tem e, finalmente, refletir sobre isso e formar o próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu. A leitura sem decifração não funciona adequadamente, assim como sem a decodificação e demais componentes referentes à interpretação, se torna estéril e sem interesse.

O autor mostra que é preciso que haja envolvimento, interesse para que se decodifiquem as letras, compreendendo de forma completa a informação. Para reforçar Freire (1989, p. 31) diz que “[...] praticando a leitura e praticando a escrita os camaradas e as camaradas aprenderam a ler e a escrever ao mesmo tempo em que discutiram assuntos de interesse de nosso povo”. Um estudante que está habituado com a leitura é capaz de adquirir diversas habilidades inclusive a de discutir assuntos difíceis, percebendo assim claramente o ambiente em que estão inseridos.

De acordo com Cagliari (2001, p. 150), leitura “[...] é uma atividade profundamente individual e dificilmente duas pessoas fazem uma mesma leitura”. Quer dizer que, certo tipo de leitura feito por duas ou mais pessoas, nunca será igual uma da outra; isso acontece devido usarem conhecimentos prévios diferenciados que o ser humano possui, assim como o grau de maturidade de cada um.

Uma pessoa quando nasce não nasce sabendo ler, mas à medida que vai crescendo e se desenvolvendo vai aprendendo a conviver com as letras em seu ambiente familiar porque em todos os cantos ou lugares vemos letras, cartazes e muito outros meios de informações. Informações essas que é difícil para quem não sabe ler. Em casa as crianças começam a ver as letras e conhece-las, quando chegam à escola é que vão aperfeiçoar aquilo que já haviam visto anteriormente aprendendo assim aos pouco a ler.

Sabemos que não é fácil aprender e ensinar a ler porque cada indivíduo possui uma linguagem individual. Muitas vezes as pessoas falam de um jeito e escrevem de outro ou escrevem do jeito que falam. É bem mais fácil usar a linguagem oral porque são utilizadas como auxílios, os gestos, as expressões que promovem uma melhor comunicação enquanto que na linguagem escrita fica bem mais complicado porque geralmente para escrever corretamente precisam ser utilizadas técnicas para que o leitor possa ler corretamente o que escreveu.

A escola é vista como principal agente desse processo, mas infelizmente algumas não estão conseguindo incentivar o gosto pela leitura porque muitas vezes se apropria da “memorização”. Sabemos que apenas memorizar não faz com se aprenda, pelo contrário só se memoriza naquele momento e depois esquece. O importante é aprender a ler, pois quem lê conhece um “novo mundo”, adquire conhecimentos para sua vida. O exemplo dessa falta de incentivo tem a EMEF de Ajó que foi o local de nossa pesquisa: percebemos que a escola não possui nenhum lugar apropriado para leitura, por consequência disso os alunos não sentem prazer pela leitura.

Quando a criança vem de casa para a escola ela já traz inúmeras experiências que vai aprendendo em seu ambiente familiar, cabe ao professor saber aproveitar e usar esses conhecimentos para despertar o desejo de aprender a ler e escrever. Dessa forma a leitura se torna menos cansativa e mais motivadora já que as crianças estarão aprendendo com suas próprias experiências. Freire (1989, p. 49) ressalta a importância das experiências de vida para avançar nos processos formativos possibilitando

A experiência de aumentar os conhecimentos que já tinhas, por causa de tua prática, até mesmo de aprenderes a ler e a escrever, a experiência de consolidar e aprofundar, em grupo, os conhecimentos que obtiveste na primeira fase de teus estudos e a ganhar outros conhecimentos.

Se não for levado em consideração as experiências da criança a leitura para ela acaba ficando sem sentido e desinteressante. É muito importante a participação da família no

acompanhamento do desenvolvimento da criança em relação à leitura porque é desse ambiente que a criança leva consigo experiências vividas.

Ainda segundo Bamberger (1997, p. 31)

Quando aprendemos a ler bem não há fronteiras. A pessoa que sabe ler viaja para outros países, como também viaja no passado, no futuro, no mundo da tecnologia, na natureza, no espaço externo. Também descobre o caminho para a parte mais íntima do coração humano e passa a conhecer-se melhor e a conhecer melhor os outros.

Um indivíduo que sabe ler passa a ver tudo diferente, os cartazes, a vida, um passeio na rua se torna prazeroso porque passa a ter outro olhar. De acordo com Bamberger (1997, p.69), “Sempre que possível, os encontros com livros devem ser experiências realmente ativas para as crianças. Exposições de livros na sala de aula, desenhos de livros e composições escritas sobre eles são uma adição interessante ao currículo normal”.

O que fica evidente é o valor significativo do ato de ler, que deve ser estimulado desde a infância precisamente no momento em que a criança está entendendo o mundo, é aí que a mesma vai aprofundar sua inteligência crítica e interpretação. Neste sentido, a educação integral de um indivíduo só acontecerá se ele entender corretamente a leitura. Segundo Bamberger (1997, p. 13):

A leitura favorece a remoção das barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidades mais justas de educação pela promoção do desenvolvimento da linguagem e do treinamento intelectual, e acentua a possibilidade de ajustamento a situação pessoal do indivíduo.

O mesmo autor diz que “[...] é através da leitura que o ser humano poderá conquistar o seu espaço na sociedade, possuir autonomia sobre suas decisões e ver através de seus próprios olhos e não com os dos outros”

Daí a importância do contato da criança com a leitura seja feito com vários textos como histórias infantis, revista em quadrinhos, periódicos, teatro, música, brinquedos infantis, poesias e muito mais. Tudo isso para incentivar o gosto e o desejo pela leitura. No ambiente familiar a leitura pode fazer parte da vida de um indivíduo de muitas formas: ao assistir um desenho, jogar, olhar a figuras de um livro, em todas essas ações as letras estão presentes, então aos poucos as crianças vão conhecendo o seu significado e posteriormente passam a saber que a junção das letras forma palavras e que essas tem um significado.

Para Yunes & Oswald (2003, p. 13) “[...] a sala de aula, o salão de leitura não podem ser apenas lugares de tarefas e avaliações [...]”. Portanto, professores responsáveis pela formação desses sujeitos, deverão incentivar de todas as formas o gosto pela leitura para que

se formem cidadãos críticos, participantes da construção de uma sociedade mais justa, pois ler ainda é uma das mais importantes ferramentas para a conquista dessa conscientização.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais. Assim:

[...] se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontem, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendem isso na escola. Principalmente quando os alunos não têm contatos sistemáticos com bons materiais de leitura e com adultos leitores, quando não participarem de práticas onde ler é indispensável, a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitores eficazes. Cabe às instituições escolares proporcionar aos alunos diversos materiais de apoio que possam desfrutar e avançar com eficácia o seu desenvolvimento na leitura. (BRASIL, 1997, p. 12).

Entende-se que quanto maior for o contato dos alunos com diferentes materiais mais empenho e facilidade ele vai ter na compreensão de textos, tornando-se assim um bom leitor. Nesse processo o professor e a escola são fundamentais, pois, sua tarefa é mostrar ao educando a importância de ler um texto com atenção e garantir um ambiente propício à leitura e à reflexão para que se obtenha maior sucesso no processo de ensino/aprendizagem.

Para que as crianças se tornem bons leitores depende muito dele mesmo, mas também do professor criar estratégias para facilitar a compreensão da leitura para que se torne agradável e a criança possa ganhar a confiança de si mesma para com a leitura. Solé (1998, p.114) ressalta que “[...] considerar esse processo como algo compartilhado entre o professor e os alunos – e entre os alunos – é a única possibilidade de que o ensino de estratégias seja significativamente compreendido pelos alunos e, portanto, que seja funcional para eles.”

A autora ressalta que a tática utilizada entre professor e aluno possibilita situações que os dois façam seus subsídios à leitura, mas que o professor possa estar ensinando para seus educandos métodos de como se fazer uma boa leitura.

Para reforçar Solé (1998, p. 105) diz que é necessário:

Dar alguma explicação geral sobre o que será lido. Não se trata tanto de explicar o conteúdo, mas de indicar sua temática aos alunos, para que possam relacioná-la a aspectos da sua experiência prévia. Por exemplo, caso se leia um texto relacionado aos eclipses solares, o professor pode aproveitar o fato de boa parte dos alunos terem assistido pela televisão ao eclipse ocorrido no México em junho de 1991.

O professor precisa fazer com que a criança preste atenção na leitura avivando a noção do aluno, através dos esboços ele pode mostrar os números, letras e várias formas. Isto é muito importante para melhorar a qualidade de leitura, já que os mesmos vão se sentir mais seguros e confiantes de si mesmos e por consequência irão ter mais facilidades na compreensão do que leem tornando-se bons leitores. Formar leitor competente é muito

relevante já que serão formados cidadãos capazes de ler e entender a mensagem que um texto apresenta, mas para que ocorra dessa maneira é preciso que se leia com paciência.

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a atender a essa necessidade. (BRASIL, 1997, p. 54).

A utilização da leitura é muito importante na prática alfabetizadora, já que quanto mais se tem contato com a leitura mais o leitor se torna apto a ler e interpretar e assimilar o que realmente o autor do texto quer repassar.

A criança vê o professor como um modelo a ser seguido, por isso o educador deve ser afetuoso para que haja uma afinidade de diálogo e confiança para a criança. O diálogo desperta a curiosidade e é através da curiosidade que desperta a vontade de conhecer e aprender tornando assim sujeitos ativos e não passivos. Freire (1996, pp. 120-121) enfatiza:

Aceitar e respeitar as diferenças é uma das virtudes sem que a escuta não se pode dar. Se discrimino o menino e menina pobre, a menina e o menino negro, o menino índio, a menina rica, se discrimino a mulher camponesa, a operária, não posso falar com eles, de cima para baixo. Sobre tudo, me proíbo entendê-los. Se me sinto superior ao diferente, não importa que seja, recuso-me escutá-lo ou escutá-la.

Partindo dessa afirmação podemos observar que para ocorrer uma boa aprendizagem de leitura o professor deve respeitar as diversidades das crianças e não discriminá-lo devido sua raça, cor, sua vida econômica, todos tem que ser tratado com igualdade dentro de uma relação professor e aluno para que possa ocorrer uma aprendizagem eficaz. É no processo de ensino aprendizagem que os sujeitos são incluídos dentro de sua realidade através da relação dialógica, estabelecendo o conhecimento e socializando seus saberes em um ambiente propício à leitura. Reforçando essa ideia, Freire (1989, p. 20) defende:

[...] a necessidade que tem uma biblioteca popular centrada nesta linha se estimular a criação de horas de trabalho em grupo, em que se façam verdadeiros seminários de leitura, ora buscando o adentramento crítico no texto, procurando aprender a sua significação mais profunda, ora propondo aos leitores uma experiência estética, de que a linguagem popular é intensamente rica.

É através da relação educador e educando é que acontece o compartilhamento de experiências e facilita o conhecimento da criança, para que esse conhecimento seja proveitoso seria ideal um local aconchegante onde todos se sentissem bem.

Entendemos que o desejo pela leitura esteja ligado a um ambiente de motivação, onde o sujeito possa estar inserido em um local que possa favorecer muitas alternativas e materiais que estimulem a leitura como: lendas, contos, músicas, jornais, revistas em quadrinhos que busquem a importância de sua cultura local, que incite o gosto de ler e produzir em cima do que aprenderem. Mas se o educando não estiver em um ambiente motivador, esse estímulo a leitura não acontecerá, uma vez que ao se tratar do desenvolvimento da leitura deve-se levar em consideração principalmente o educando como sujeito desse processo de apropriação porque é ele é quem vai estar à frente buscando aprender mesmo que tenha que passar por dificuldades.

Segundo Freire (1989, p. 7) a leitura

[...] da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade.

Partindo dessa análise, podemos dizer que os educandos já trazem consigo uma leitura de mundo, uma noção vivenciada no seu dia a dia, experiências familiares que precisam ser transformadas em escritas, apreciando essas informações e utilizando-as como ponto de saída para o exercício de leitura em sala de aula.

Creemos que todos os ambientes escolares devem estar voltados para a ampliação do ensino aprendizagem do aluno, pois o mesmo já possui conhecimentos prévios, auxiliando assim na compreensão de um texto para que se constitua como leitor, estando sujeito a novas práticas de leitura. A escola é vista como principal responsável na função de potencializar o crescimento do aluno fazendo com que o mesmo sintam-se um cidadão crítico e leitor. Freire (1989, p. 33) considera a escola “[...] como a natureza do conhecimento [...]”. Ou seja, a escola é vista atualmente uma das principais fontes de ensino/aprendizagem.

Para que o aluno se torne um bom leitor ele precisa fazer uso de seus conhecimentos prévios. Segundo Kleiman (1989, p. 25) “[...] a ativação do conhecimento prévio é então, essencial à compreensão, pois é o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto que lhe permite fazer as interferências necessárias para relacionar diferentes partes discretas do texto coerente”. Quanto melhor a adaptação do aluno com ambiente de leitura mais compreensão o mesmo terá na hora de ler qualquer texto.

Compreendemos que a educação é um dos fatores que pode contribuir na transformação da sociedade, por isso que os governantes precisam valorizar mais a área da educação. A escola, os professores e os pais precisam estar convencidos da importância da leitura para a transformação do conhecimento humano.

Quando uma pessoa tem o domínio da leitura passa a ter um bem maior na linguagem oral e na interpretação de texto e com isso criar novas ideias para o seu desenvolvimento intelectual. Diante desse processo Cagliari (2001, p. 149), acresce que “[...] a leitura é a realização do objetivo da escrita. Quem escreve, escreve para ser lido [...]”, ou seja, a escrita faz parte da leitura. A leitura apresenta conhecimentos para que os indivíduos possam refletir sobre um texto. É interessante o incentivo da leitura dentro da escola, do ambiente familiar para que as crianças ganhem gosto pela mesma para que no futuro não venham ter dificuldade em muitas situações de sua vida.

Confiamos que a leitura é de muita importância para o indivíduo e para o desenvolvimento da sociedade. Uma pessoa bem esclarecida intelectualmente consegue progredir e mudar a realidade de sua comunidade. O estímulo faz com que as crianças ganhem gosto pela leitura e se tornem pessoas críticas e conhecedoras de seus direitos e deveres. Por isso que os professores precisam incentivar a leitura dentro da sala de aula já que é uma instituição para o desenvolvimento do ensino cuja intencionalidade é a aprendizagem.

É interessante que os professores relacionem o social com a leitura para que as crianças adquiram o prazer e o desejo de ler; que a leitura não se torne sem importância e cansativa.

A leitura em nenhum momento pode ser vista pelas crianças como algo desnecessário, sem importância, uma obrigação, uma tarefa técnica realizada sob pressão, mas sim como algo necessário, enquanto arte e magia, que lhe possibilite nomear o mundo, como descobrimento, que abrirá caminhos para se alcançar objetivos, atingir metas, de forma dinâmica, livre, feita de acordo com suas necessidades, ampliando a dimensão signífica daquilo que chega a ela e de suas competências e habilidades cognitivas, afetivas, etc. (RODRIGUES, 2010, p. 110).

O autor acima fala sobre a importância da leitura para a vida dos sujeitos, e que a leitura não é um ato simples, mas, principalmente, uma esperança de fazê-los compreender enquanto concepção de mundo, de vida, de sociedade e de classe.

A leitura, paradoxalmente, passou a ser um precioso instrumento de reaproximação à vida, pelo qual o deslocamento de horizonte provocado pelo texto, pela interação que mobiliza o sujeito do desejo, ressitua o leitor e faz com que ele possa atualizar o texto no ângulo da sua historicidade, da sua experiência, dando-lhe vida nova. (YUNES & OSWALD, 2003, p. 11).

Assim, a leitura possui grande importância para a conjuntura social e cultural formando indivíduos competentes e criativos para construir e mudar uma sociedade.

Para este trabalho temos como referência que a leitura na multisserie deve ser mais valorizada e principalmente os professores devem ser valorizados, capacitados para

trabalhar com alunos com diferentes séries e idades diferentes, devem receber formação continuada e recursos auxiliares que possam amenizar todas as dificuldades encontradas na escola. A comunidade deve estar mais presente ativamente na escola para estar acompanhando seus filhos e contribuindo para diminuir os entraves que ainda fazem parte das escolas do campo.

## 2.2 – A LEITURA DA CRIANÇA DO CAMPO EM CLASSE MULTISSERIADA

Este item trata da questão da leitura em classes multisseriadas, mas antes de tudo faremos uma breve abordagem sobre o que diz Hage (2010, p. 35) sobre a escola Multisseriada:

[...] o fenômeno das classes multisseriadas ou uni docentes, caracterizadas pela junção de alunos de diferentes níveis de aprendizagem (normalmente agrupadas em “séries”) em uma mesma classe, geralmente submetida à responsabilidade de um único professor, tem sido uma realidade muito comum dos espaços rurais brasileiros, notadamente nas regiões Norte e Nordeste.

Mesmo com algumas dificuldades encontradas pelos docentes de classes multisseriadas no que diz respeito aos níveis de aprendizagens de alunos de séries e idades diferentes em uma mesma sala de aula, o professor se vê forçado a realizar diversas funções, tanto de professor, secretário, serviços gerais, gestor e outras mais funções que a escola necessitar. Percebe-se que muitos professores ainda são perseverantes e demonstram interesse em conduzir um trabalho pedagógico de alfabetização para os educandos.

A questão da leitura nas escolas multisseriadas é tratada de forma tradicional, pois alguns professores não têm suportes para ajudar na leitura das crianças. Suportes como data show e notebook; na maioria das vezes algumas escolas não possuem nem energia elétrica; contam com os livros didáticos que geralmente não são adaptados com a realidade dos alunos do campo.

O que os alunos fazem é reproduzir do quadro o que o professor escreveu. Mesmo com poucos recursos os professores devem estar comprometidos com a leitura, utilizando a realidade das crianças do campo, como exemplo: aula-passeio pela natureza, explorando as riquezas que o ambiente oferece e com isso tornando as aulas mais atrativas.

Quando falamos em leitura logo vem a nossa mente o processo de alfabetização, a melhoria do conhecimento intelectual dos seres humanos, um meio de transformação social e de liberdade de que a leitura abre caminhos para o indivíduo ver o mundo com mais clareza.

Neste sentido, já nos alerta Freire (1989) que a leitura é bem mais que decodificar palavras: é ler o mundo.

Compreende-se que tanto o aluno quanto o professor têm dificuldades em relação à leitura. O educador de uma classe de multisserie tem dificuldade de ensinar devido ser múltiplas séries numa só classe e acúmulo de tarefas escolares; e o aluno de aprender a ler devido pouco tempo que o professor tem para atender várias séries agrupadas no mesmo tempo.

De acordo com as observações feitas na EMEF de Ajó as principais dificuldades que se observa entre as crianças na questão da aquisição da leitura é que muitas dizem que não foram acostumadas a ler, outras que não tem tempo, mas que encontram tempo sempre para brincar e assistir TV. Algumas não se veem estimuladas no ambiente escolar ou até mesmo em casa. Então a leitura se torna cansativa e não atrativa. As que leem fazem isso por obrigação, porque tem que estudar para passar de ano. Algumas até se empolgam para ler, mas não tem muito sucesso devido a sala ser lotada e não têm o total acompanhamento do professor.

O processo de leitura demanda do indivíduo interesse, vontade, motivação, condições sociais, econômicas, psicológicas e culturais do ambiente social em que habitam para que se tenha uma melhor compreensão da leitura. Já dizia Freire (1987, p. 39) que “[...] ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizado pelo mundo”. O que quer dizer que para aprendermos a ler necessitamos da ajuda do outro e que esta permite o conhecimento do objeto e saber o que é a leitura.

Podemos até aprender a ler sozinhos, mas precisamos da ajuda de um mediador para que a leitura passe a ter mais sentido e para que possamos entender melhor. Mas o que se percebe é que os alunos estão precisando de mais atenção na hora da leitura só que por mais esforçado que seja o professor de classe Multisseriada não consegue atender a todos, pois cada um tem a sua especificidade e uns necessitam mais que os outros. Segundo Hage & Rocha (2010, p. 30) as escolas multisseriadas

[...] precisam sair do anonimato e serem inseridas nas agendas dos órgãos públicos sem prerrogativas. Essas escolas devem ser analisadas no contexto socioeconômico-político-cultural-ambiental e educacional do campo na sociedade brasileira contemporânea, uma vez que o enfrentamento dos problemas que envolvem essas escolas para ser efetivo deve inserir as peculiaridades relativas a dinâmica das escolas multisseriadas nos desafios mais abrangentes que envolve a realidade do campo na sociedade brasileira contemporânea.

Fica bem evidente que os governantes ainda não têm um olhar atento para as instituições escolares, principalmente nas áreas rurais, as quais necessitam que os poderes executivos, nos diferentes níveis, sigam e cumpram as leis que estão na Constituição Federal de 1988 e na LDB 93.94/96 que já existem e que sejam criadas mais leis que amparem a educação do campo.

Segundo a LDB 9394/96 art. 28:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino proverão as adaptações necessárias a sua adequação, as peculiaridades da vida rural e de cada região especialmente:

- I- Conteúdos curriculares e metodologias apropriadas as reais necessidades dos alunos da zona rural;
- II- Organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar as fases do ciclo agrícola e as condições climáticas;
- III- Adequação à natureza do trabalho na zona rural.

O artigo mencionado possibilitou um avanço nos debates brasileiros sobre a educação do campo. Mesmo que essas leis não sejam cumpridas rigorosamente para colaborar no ensino/aprendizagem dos alunos elas já representam um significativo avanço, pois dão respostas aos educandos do campo. Algumas localidades, como a EMEF de Ajó, possuem flexibilidade na questão do horário e condições climáticas de acordo com a realidade dos alunos, mas na questão do calendário escolar e do ciclo agrícola não são adaptados devido a maioria dos estudantes serem crianças, mas isso não quer dizer que alguns alunos não ajudam seus pais na lavoura, conversamos com crianças que declaram ajudar seus pais.

Espera-se que os governos Federal, Estadual e Municipal se articulem e contribuam para a melhoria da educação, principalmente no campo.

### 2.3 – ESCOLA DO CAMPO MULTISSERIADA NO MUNICÍPIO DE CAMETÁ/PA: O CASO DA EMEF DE AJÓ.

Analisamos o relatório da pesquisa do SENSU ESCOLAR 2013 cedido pela Secretaria Municipal de Educação de Cametá/PA e descobrimos que no Município existem 130 escolas multisseriadas espalhados pela zona rural, com 322 alunos e 198 professores.

Em seguida o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola de Ajó, cedidos pela professora responsável obtemos as seguintes informações sobre o histórico e estrutura física da escola.

Nos anos de 1975 a 1982 a comunidade de Ajó não possuía uma instituição escolar, as crianças recebiam sua educação no barracão da comunidade da Virgem Maria,

situada na Estrada do Ajó. No ano de 1983 a 1997, na administração do prefeito Alberto Mória Mocbel e do vice-prefeito José Waldolí Valente, foi construído uma sala de aula em terreno doado pela Sr.<sup>a</sup> Amélia Marques na mesma Estrada do Ajó.

Na administração do prefeito Emanuel José Machado Cunha e do vice-prefeito Orivaldo Francês, com o apoio do deputado estadual Gerson dos Santos Peres, no ano de 1998 foi construído a escola com 2 salas de aula, 1 secretaria, 1 copa, 2 banheiros e 1 pátio. Nesse período a escola se chamava Amélia Marques em homenagem à doadora do terreno.

Atualmente a escola foi registrada como Escola Municipal de Ensino Fundamental do Ajó, a mesma atende 73 alunos distribuídos em dois turnos: pela parte da manhã com 27 alunos do Jardim I e II e 1º ano em uma sala e pela tarde com 46 alunos em duas salas de aula. Sendo que ficam 23 alunos em cada sala: 2º e 3º anos em uma sala e 4º e 5º anos em outra.

A instituição conta com 3 professores fixos e 1 professora do “Programa Mais Educação” que trabalha com letramento uma vez por semana em cada sala.

O programa mais educação trata da construção de uma ação entre as políticas públicas educacionais e sociais, contribuindo, desse modo, tanto para a diminuição das desigualdades educacionais, quanto para a valorização da diversidade cultural brasileira. O Programa Mais Educação atende, prioritariamente, escolas de baixo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB).

A escola não possui diretor, mas tem uma professora responsável, uma coordenadora do “Projeto Mais Educação” e um coordenador que ficam responsáveis. Sendo que o coordenador somente faz visitas no local porque tem outras escolas distantes para visitar. Ressaltando que das duas salas somente uma funciona pela manhã com três turmas de multisserie, a outra fica sem ser usada por falta de professor. Os professores responsáveis já tentaram separar a turma do 1º ano dos Jardins I e II, mas a prefeitura diz que não é viável que se tenha poucos alunos em uma única sala de aula.

Diante dessa realidade o que se vê é a indignação dos docentes. Uma das responsáveis pela instituição disse:

Será que eles não percebem que a escola do campo é muito diferente da escola da cidade, se a escola da cidade possui 27 alunos é porque lá as turmas são seriadas e todos acompanham o ritmo do professor, já aqui as turmas são multisseriadas e os alunos de séries menores não conseguem acompanhar, pois precisam de muita atenção e atividades diferentes e a professora atua sozinha sem ter um auxiliar. (PROFESSORA DO 2º E 3º ANO).

Mas a turma do 2º e 3º ano é que é o alvo da nossa pesquisa. Nessa sala 14 alunos são do 2º ano e 9 do 3º sob a responsabilidade de uma única professora. Essas classes multisseriadas se formam geralmente no campo porque as áreas são muito extensas e as residências ficam afastadas das escolas, então os alunos geralmente procuram as mais próximas e assim acabam por se dispersar. Para que seja formada uma turma é preciso juntar em uma mesma sala crianças, adolescentes e até jovens de idades e séries diferentes.

As escolas multisseriadas no passado eram ignoradas e desprezadas. Hage (2010, p. 10) ressalta algumas visões sobre ela:

Predominam imaginários extremamente negativos a ser desconstruídos: a escola Multisseriada pensada na pré-história de nosso sistema escolar; vista com distante do padrão de qualidade pelos resultados nas avaliações, pela baixa qualificação dos professores, pelas faltas de condições materiais e didáticas, complexidade do exercício da docência em classes multisseriadas, pelo da formação escolar do sujeito do campo em comparação com aquele da cidade.

O que se percebe é que desde o começo a escola do campo vem passando por muitas dificuldades e discriminações em relação à escola da cidade, sendo esquecidas pelo poder público, sem ter muita ajuda financeira. Os professores precisavam de uma melhor formação para trabalhar com as crianças na classe Multisseriada e mais de um professor que pudesse estar auxiliando no ensino/aprendizagem do aluno.

Mas nos últimos anos os povos do campo passaram a reivindicar seus direitos, principalmente na área da educação, buscando a construção de escolas que pudessem atender os alunos que geralmente estudavam em barracões e casas particulares. Podemos observar que as escolas que funcionavam em barracões estão sendo extintas devido os proprietários e as comunidades acionarem o poder público para a construção de escolas dignas e com espaço para todos. Isso não quer dizer que não existem mais escolas funcionando em locais indevidos, pois essa realidade ainda está presente em muitos locais.

Hage (2010, p. 12) diz que:

Inúmeras redes e escolas das cidades e dos campos têm avançado para organizar os currículos, tempos e espaços, o trabalho dos mestres e educandos, respeitando os tempos humanos, mentais, culturais, éticos, socializadores, indenitários, corpóreos dos educandos. Respeitam-se os tempos-idades geracionais. Tempos esses que possuem suas especificidades de socialização, de aprendizagens e de formação: infância, pré-adolescências, adolescências, juventude, vida adulta.

As escolas do campo precisam de um atendimento diferenciado da cidade porque a cultura e as identidades das pessoas são diferentes daquelas que residem nas cidades, por isso merecem ser tratados com respeito.

Pelas dificuldades enfrentadas a maioria alunos falta na escola, muitas vezes por não ter transporte e nem quem os acompanhem até a escola, por isso as crianças chegam sozinhas ao local das aulas. De acordo com o relato da professora do 2º e 3º ano algumas crianças chegam até duas horas antes de começar a aula e ficam brincando pela escola ou na estrada correndo riscos de atropelamentos. Isso porque os pais precisam sair cedo para o trabalho na lavoura e as crianças vão para a escola para não ficar sozinhas, mas acabam ficando nas dependências da escola porque os professores demoram a chegar.

A maioria dos alunos não tem acompanhamento dos pais na hora de fazer o dever, pois, segundo a professora do 2º e 3º ano, “[...] do jeito que levam o caderno, desse mesmo jeito volta no dia seguinte [...]”. Isso prejudica muito na aprendizagem da leitura porque os mesmos não acompanham aqueles que têm ajuda em casa e que já tem uma melhor noção de leitura. O que torna mais desafiante o trabalho docente é que os alunos são de séries e idades diferentes então requerem mais atenção, sendo isso impossível para uma única professora. Além disso, ainda tem a pressão que a Secretaria Municipal de Educação exerce sobre os mesmos para cumprirem os padrões determinados: planejamento, conteúdos, cumprimento de horários e funcionamento da instituição.

Ainda tem o currículo que não corresponde à realidade dos alunos do campo, pois os livros didáticos que chegam às escolas são adequados à realidade dos estudantes de outras regiões e não dos estudantes da região norte, isso acaba deixando os alunos pouco interessados na leitura.

Muitos alunos param de estudar para ajudar os pais na lavoura e acabam por ficar sem tempo para estudar ou por falta de escolas que acompanhem as séries dos alunos. Quando os pais estão envolvidos no processo de educação de seus filhos chegam até a mudar do campo para a cidade deixando de lado sua cultura e identidade em busca de uma escola para as crianças porque veem a mesma como principal meio de seus filhos crescerem social e financeiramente, e mudar de vida.

## CAPITULO 3

### O OLHAR DOS PROFESSORES NA QUESTÃO DA LEITURA

Formar leitores é um desafio que os professores têm que enfrentar principalmente em classes multisseriadas do campo que são compostas de alunos de séries e idades diferentes, às vezes contando com a falta de recursos que auxiliem na prática de leitura na sala de aula, a falta de uma biblioteca onde as crianças possam ter acesso aos livros e muitos outros recursos que despertem o prazer pela leitura nas crianças.

Neste terceiro capítulo buscaremos apresentar o que os professores da EMEF de Ajó pensam a respeito da questão da leitura na multisserie já que todas as turmas que existem nesse ambiente são desse segmento. Apresentaremos as metodologias utilizadas pela professora do 2º e 3º ano do ensino fundamental e os sucessos e desafios no processo de aquisição da leitura.

#### 3.1 – A REPRESENTAÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE A LEITURA NA MULTISSERIE

As informações aqui descritas e analisadas foram colhidas após observações e conversas com uma professora do 2º 3º ano do ensino fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) de Ajó, situada no município de Cametá.

No primeiro dia da observação fomos bem recebidas pela professora os demais funcionários e os alunos. A docente nos apresentou aos alunos, disse por que estávamos lá e até quando ficaríamos. Percebemos que na sala do 2º e 3º ano o ambiente era bem amplo, com um ventilador funcionando, um quadro negro, carteiras suficientes para todos os alunos e um bebedouro. Sentimos a ausência de uma biblioteca ou um espaço para a leitura, pois existiam alguns dicionários, revistas e livros ilustrativos com desenhos bem interessantes acumulados em um canto da sala por falta de espaço para acomodá-los.

Conversamos com a professora do 2º e 3º ano então ela nos disse:

Não tenho um dia específico para ensinar sobre leitura. Vou ensinando no decorrer da semana durante as aulas porque trabalho sozinha sem ajuda de outra professora e, como trabalho com crianças de diferentes idades, tenho dificuldade de ajudar um por um, pois quando estou auxiliando um os outros estão correndo pela sala. Fazer leitura coletiva não dá certo porque uns sabem ler mais outros não. Fico então nesse impasse de ensinar diariamente durante as atividades e ainda tenho dois alunos especiais: um com hiperatividade e outro com dislexia que tenho que estar acompanhando mais de perto quando posso porque estou sempre ocupada.

Mesmo com todas essas dificuldades observadas a professora se esforçava bastante para ensinar todos. A maioria dos alunos prestava atenção, alguns pediam permissão para perguntar algo, questionavam com a professora sobre algo que não entendiam davam opinião sobre o tema abordado. A maioria dos alunos do 3º ano sabia ler, mas havia outros que de acordo com a professora estavam na mesma série, mas que não conheciam nem o alfabeto, mas já tinham idade para estar junto com os outros. Esses, juntamente com os alunos do 2º, ano tinham muitas dificuldades na leitura.

A professora nos informou que trabalha há dois anos com classes multisseriadas na EMEF de Ajó. Recebe formação da “Escola da Terra” na UFPA/Cametá que tem como objetivo promover a melhoria das condições de acesso, permanência e aprendizagem dos estudantes do campo e quilombolas em suas comunidades, por meio do apoio à formação de professores que atuam nas turmas dos anos iniciais do ensino fundamental compostas por estudantes de variadas idades, e em escolas de comunidades quilombolas, fortalecendo a escola como espaço de vivência social e cultural.

Outra formação que ela recebe é o “Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa” que é um compromisso formal assumido pelos governos federal, do Distrito Federal, dos estados e municípios de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental.

Munarin (2006, s/p) diz que “[...] a formação inicial de professores do campo é condição necessária para a qualidade da educação”. Ou seja, um professor qualificado pode obter um maior sucesso com seus alunos, pois estaria preparado para exercer esta função.

Através do questionário aplicado, a docente do 2º e 3º ano nos disse que deveriam receber uma formação específica para trabalhar com leitura na multisserie porque se ela tivesse uma formação para trabalhar nessa área não teria tantas dificuldades no seu trabalho, mas que tenta incentivar e despertar o desejo nas crianças de pegar um livro e não ficar somente olhando figuras, mas se familiarizando com a leitura e descobrindo, juntamente com ela, a importância que a leitura tem na vida de cada um. Sendo assim, Freire (1995, p. 29) diz que:

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante [...] Ler é procurar ou buscar criar a compreensão do lido [...] ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação. E a experiência da compreensão será tão mais profunda quanto sejam nela capazes de associar, jamais dicotomizar, os conceitos emergentes na experiência escolar aos que resultam do mundo da cotidianidade.

Uma pessoa que tem interesse pela leitura tem maior possibilidade de ler sem sentir tanta dificuldade, sua experiência é essencial para que esse momento seja prazeroso.

A docente disse-nos que seus alunos se interessam pela leitura e devido não ter uma biblioteca na escola, os livros, os dicionários e as revistas ficam na sala de aula. Então no intervalo dos exercícios ou das aulas as crianças que sabem ler ficam lendo poesias, versos, ditados e as que não sabem ler ficam olhando as figuras e quando se interessam pedem para os coleguinhas ajudarem a ler. Para Alves (2002, p. 41)

Tudo começa quando a criança fica fascinada com as coisas maravilhosas que moram dentro do livro. Não são as letras, as sílabas e as palavras que fascinam. É a estória. A aprendizagem da leitura começa antes da aprendizagem das letras: quando alguém lê e a criança escuta com prazer.

Sabemos que ninguém nasce sabendo ler, mas vamos aprendendo aos poucos. As crianças que ainda não tem noção das letras começam a olhar as figuras e posteriormente as letras e finalmente inicia-se a fase de decodificação das letras, mas para que isso ocorra com sucesso a criança precisa da ajuda do outro para estar acompanhando esse processo.

Durante os dias que ficamos na escola algumas crianças pegavam livros e traziam para lermos para elas ou auxiliá-las a ler. Assim, “[...] quem ensina a ler, isto é, aquele que lê para que seus alunos tenham prazer no texto, tem que ser um artista.” (ALVES, 2002, pp. 43-44). Ler não é uma simples ação requer atenção e envolvimento por parte de quem lê e de quem ouve. A leitura permite a aquisição de autonomia, aumenta as oportunidades. É uma ação particular, em que cada leitor lê de um jeito e lhe dá significados, de acordo com sua realidade.

### 3.2 – A METODOLOGIA UTILIZADA PELOS PROFESSORES

Na sala do 2º e 3º ano, durante os cinco dias de observação, percebemos que as cadeiras eram organizadas em fileiras, posicionando os alunos um atrás do outro, e que antes de começar a aula a professora faz, em conjunto com as crianças, a oração da tarde, logo em seguida leem “os combinados da sala” que diz:

Respeitar os colegas e professores;  
Fazer as atividades com caprichos;  
Organizar seu material;  
Ter cuidado com os seus materiais;  
Manter a sala organizada;  
Levantar o dedo quando quiser falar;  
Esperar sua vez de falar;

Não sair da sala sem permissão;  
 Não jogar o lixo no chão;  
 Não bater nos colegas;  
 Não gritar;  
 Prestar atenção na aula;  
 Usar as palavras mágicas: com licença, por favor, obrigada...  
 Fazer muitas amizades e ser feliz.

Encerrava com uma musiquinha que as crianças sabiam cantar.

Notamos que durante esse ritual de leitura alguns não sabiam ler, mas que já haviam decorado, pois todos os dias fazia a mesma leitura. Quando um aluno violava os combinados os outros mostravam a ele que ele havia feito algo errado ou então avisavam a professora que o repreendia. Um dia a professora chegou a nos falar “[...] vocês estão vendo como eles não obedecem?” ou então dizia “[...] as professoras estão vendo que vocês estão fazendo e vão contar lá na universidade que vocês são desobedientes”.

Dos 23 alunos, 14 são do 2º ano e 9 são do 3º. Neste dia compareceram 22 alunos. A aula era sobre a letra “j” do alfabeto. A professora escrevia no quadro e todos os alunos copiavam o mesmo assunto e faziam a mesma tarefa, tanto alunos do 2º como do 3º ano. Apesar de as crianças menores não saberem ler, sabiam copiar lentamente do quadro as letras fazendo com que os de 3º ano terminassem logo e ficassem andando pela sala. Quando todos terminavam de copiar a professora ia ler e resolver no quadro a atividade acompanhada das crianças que iam resolvendo em seu caderno.

Na sala tinha dois alunos especiais: um com hiperatividade que é um dos componentes mais conhecidos do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). A criança hiperativa mostra maior atividade que outras crianças da mesma idade, são crianças ativas. A criança hiperativa mostra um exagero de comportamentos, em relação às outras crianças. Além de dificuldade em manter a concentração ela é impulsividade e agitada. A criança hiperativa é um desafio para seus pais, familiares e professores que encontram muitas dificuldades para alfabetizá-los.

O outro aluno apresenta um quadro de dislexia, pois tem dificuldades de ler, soletrar ou até mesmo identificar as palavras mais simples.

Sabemos que dislexia não é uma doença. Ela é um distúrbio de funcionamento do cérebro para o processamento linguístico pertinente à leitura. A pessoa disléxica tem dificuldade para integrar o símbolo gráfico e as letras ao som que elas representam e não conseguem organizá-los mentalmente num seguimento correto. Para estes a docente fazia atividades no caderno separado das outras crianças porque ela dizia que:

O meu aluno com hiperatividade não aprende nada. O dever que passo no caderno ele termina muito rápido e não presta atenção na aula, fica andando e batendo nos outros porque ele não sossega na carteira, meche em tudo que vê. O outro com dislexia não consegue aprender a ler e nem tira do quadro. Eu tenho muita dificuldade de trabalhar com eles, pois, não sou especializada para trabalhar com crianças com necessidades educacionais especiais, mas vou fazendo o que posso para acompanhar todos. (PROFESSORA do 2º e 3º anos).

A professora reconhece que não tem formação específica para trabalhar com as crianças que possuem necessidades educacionais especiais, mas que acha que deveria receber essa formação para estar acompanhando esses alunos, porque dizendo ela que não é fácil atuar em uma sala de multisserie com crianças de séries e idades diferentes e com alunos com necessidades educacionais especiais.

É importante que os professores recebam formação para trabalhar com alunos especiais para estarem preparados para receber em sua classe esses alunos porque é no cotidiano escolar, na relação com os alunos com essas necessidades que os professores, compreendem a relevância do curso específico sobre as necessidades educacionais relacionadas a cada tipo de necessidade. Mesmo que os alunos com necessidades educacionais tenham seus direitos garantidos por lei ao acesso e permanência na rede regular de ensino, é necessário considerar a importância de se preservar a dignidade dessas pessoas.

A professora sempre dizia que as crianças eram muito “bagunceiras” e “terríveis” e que umas tinham mais dificuldades que as outras. Mas todas são muito afetivas e gostam de todos os funcionários da escola e procuram sempre estar participando das atividades.

Concordamos que a professora deve fazer com que as crianças sintam-se a vontade no ambiente escolar. Vasconcelos (2004, p. 62) destaca que,

Para que o sujeito se debruce, coloque sua atenção sobre o objeto, este deve ter um significado, ainda que mínimo num primeiro momento. Aqui se encontra a primeira grande preocupação que o educador deve ter na construção do conhecimento: a proposta de trabalho deverá ser significativa para o educando, sendo essa uma condição para a mobilização para o conhecimento. Se a mobilização é a meta, a significação inicial é o caminho.

Um professor comprometido com a educação precisa estar motivado para que assim repasse o desejo e a vontade de leitura para as crianças, tornando-as leitoras competentes.

É muito interessante a forma que a professora ministra a aula, pois observamos, e ela nos informou, que no começo ela ensinava as sílabas juntas “Ja- Je...”, mas as crianças pediram para ela ensinar separadas “J +a = Ja, J +e =Je...”, pois achavam mais fácil de aprender. Logo em seguida em que ela utilizou o método, obteve maior sucesso. Na nossa

visão esse método de ensino proposto pelas crianças mostra que todos têm direito de opinar em relação ao processo de facilitar sua aprendizagem.

Percebeu-se que através do diálogo entre a professora e os alunos as aulas passaram a ser bem mais produtivas e interessantes já que serviu para facilitar o acesso à leitura tanto para a docente quanto para os educandos.

Terminando as atividades a docente escreveu um texto no quadro para os alunos copiarem e lerem, pois já era assunto para estudar para a segunda avaliação. O horário da entrada era 13:30 horas e como tinha merenda saiam as 16 horas.

No segundo dia compareceram 11 alunos e a aula era com a letra “f” as mesmas metodologias de escrever no quadro e os alunos copiarem e depois resolverem se repetiram, sem que houvesse nenhuma dinâmica que despertasse o gosto pela leitura ou vontade de as crianças permanecerem na sala de aula.

Sabemos que aulas dinâmicas ajudam no processo de ensino aprendizagem das crianças, pois “Nos jogos ou brincadeiras a criança age como se fosse maior que a realidade, e isto, inegavelmente, contribui de forma intensa e especial para o seu desenvolvimento” (WINNCOTT, 1975, p. 11). O local em que a EMEF está situada é propício para uma aula passeio, mas a professora não utiliza esse método porque ela não tem ajuda de outro professor auxiliar para acompanhar, já que a turma é grande e com alunos de idades diferentes.

Se o professor trabalhar com dinâmicas do tipo gibis, livros, dentre outros materiais selecionados os alunos poderão ter mais facilidade na leitura. Teixeira (2008, p. 37) enfatiza que:

Desenvolver um programa de competência de estudo dentro de sala de aula, dentro daquele que é o contexto regular das aprendizagens escolares permite mexer na dinâmica pedagógica do mesmo e ajustar expectativa de respostas às ajudas educativas que efetivamente se prestam. Desse modo de modificação de dinâmica pedagógica pode-se esperar resultados positivos e negativos como forma de verificar onde se deve melhorar na educação pública na fase da alfabetização.

A leitura pode se tornar prazerosa se for trabalhada de forma divertida, atraente e diferente. Portanto a escola precisa levar o professor e o aluno a utilizar-se de recursos que sejam capazes de fazer com que se estabeleça uma relação com a vida social de modo que satisfaça a todos, inclusive a sociedade.

Durante a semana de observação a cada dia era ministrada aula sobre uma letra do alfabeto utilizando o mesmo método de todos os dias sem que houvesse uma inovação, e somente aulas de português, não havendo outras disciplinas como matemática, ciências, geografia entre outras.

### 3.3 – SUCESSOS E DESAFIOS NO ENSINO DA LEITURA NA EMEF DE AJÓ-CAMETÁ/PA

Uma das maiores dificuldades que as professoras encontram é no fato de que os pais de alunos muitas vezes não comparecem na escola, nem para as reuniões e nem para saber como seus filhos estão na escola. As palavras da professora do 2º e 3º ano revelam que:

A gente marca reunião na escola com os pais ou responsáveis de alunos, mas eles não comparecem, mas se acontece uma briga ou filhos, ficam reprovados, eles vêm questionar, brigar e ainda saem dizendo para os outros que somos nós professores que não temos compromissos e que não temos capacidade de dar aula para seus filhos. Outros retiram os filhos da escola e passam para outra alegando irresponsabilidade de nossa parte. Os poucos que comparecem a reunião, por algumas vezes, não procuram colaborar de alguma forma procurando melhores soluções para resolvermos juntos alguns problemas que a escola possui. Só querem reclamar e questionar algo que não concordam tipo: o horário da entrada que é mais cedo e por consequência a saída também é mais cedo, principalmente quando não tem merenda na escola. Os pais dizem que somos preguiçosos e que queremos sair mais cedo. Querem que os filhos saiam somente 18 h, mas precisamos voltar também mais cedo para casa já que moramos na cidade e a estrada nesse período é precária para voltarmos de moto porque carro não passa devido a lama atropalhar.

Percebemos que os professores culpam os pais de não participarem ativamente na educação de seus filhos e que isso reflete muito no ensino/aprendizagem das crianças porque não recebem incentivos dos pais em casa, nem para fazer o dever que levam da escola. Mas, em contraposição, os pais declaram que trabalham e não tem tempo para estar acompanhando o desenvolvimento de seus filhos na escola.

Como todos os professores da EMEF de Ajó residem na cidade percebe-se que eles não têm um entrosamento com a comunidade porque mantém pouco contado e acabam ficando um pouco distante da realidade da comunidade. Ainda segundo Carvalho et.al. (2010), os professores que residem nas cidades não possuem outros vínculos com as comunidades onde ensinam, estando lá apenas para darem suas aulas. O professor que reside no mesmo local da escola tem uma melhor relação com a comunidade, pois, aquela realidade lá também faz parte da sua vida. Conversamos com uma mãe de aluno que participa um pouco mais na vida escolar de seu filho e ela nos disse:

Eu não tenho tempo para ficar indo muito na escola porque trabalho na cidade em uma casa de família e chego somente no final da tarde. O pai do meu filho trabalha na horta o dia todo, mas quando chego mais cedo vou até a escola ver meu filho. Quando tem reunião, algumas vezes saio mais cedo do trabalho para saber o que está ocorrendo na escola. Minha filha de 13 anos que vai de transporte escolar para cidade estudar é quem ajuda o irmão dela no dever de casa e isso ajuda muito porque ele já sabe ler. Fico muito feliz porque é muito interessado, gosta de estudar e diz que um dia vai trabalhar e nos tirar desse sufoco de trabalho pesado na roça e na

casa dos outros. A professora me falou que ele disse que o pai dele não vai à reunião porque trabalha quem nem um desgraçado e que não gosta que eu trabalhe na casa dos outros, mas que um dia isso vai acabar.

Perguntamos para a mãe que não frequenta a escola se o filho dela, que falta bastante, já sabe ler e se ajudam no dever de casa, ela nos respondeu:

Nem eu nem o pai dele não sabemos ler. Então não temos muito que fazer para ensinar no dever de casa. Mandamos ele fazer o dever mas ele é muito preguiçoso e não faz. Só quer estar na rua soltando pipa e correndo pela estrada. Ele não sabe ler ainda e tem a cabeça muito ruim, não aprende nada, só vai para a escola porque eu brigo muito com ele.

Notamos durante a conversa que a mãe não dá tanta importância para o ambiente escolar e que, por isso, não há um incentivo à criança por parte dos pais. Estes veem a situação como natural e até dão risos quando dizem que ele é preguiçoso e que não sai da rua. Percebemos que a mãe pensa que seu filho não sabe nada e que vê necessidade de estar na escola já que ele não aprende nada. Esse aluno precisa de muito incentivo familiar porque a professora nos diz que ele é quem está mais atrasado, está no 3º ano e não reconhece todas as letras do alfabeto.

Segundo Baptista (2003, s/p) Rocha, a “[...] participação dos pais e da comunidade é uma forte aliada no ensino e aprendizagem mesmos sendo os pais analfabetos”. Entendemos assim, que a educação não se estabelece apenas nos espaços escolares e sim nas experiências de vida dos sujeitos. Mesmo que os pais não saibam ler eles podem estar incentivando seus filhos.

Quando os pais fazem parceria com a escola e ajudam seus filhos no ensino-aprendizagem eles alcançam melhores resultados em seu desenvolvimento. A relação família e escola é fundamental para um bom empenho do aluno em sala de aula. Afirma Baptista (2003, s/p) que, “[...] os pais têm muito a ensinar a partir das experiências de vida herdadas das gerações passadas”. Ou seja, os professores precisam levar em consideração não somente as experiências das crianças, mas da família da mesma também para que se obtenham melhorias na educação desses sujeitos.

Apesar de muitos desafios a professora diz estar feliz porque na maioria de seus alunos do 3º ano já sabem ler bem e que estão sempre interagindo na hora de fazer as atividades.

Durante os dias que estávamos presentes na sala do 2º e 3º ano notamos que na hora das atividades a professora ia resolver no quadro, mas perguntava se alguém sabia responder e muitos levantavam e diziam que sabiam responder. Nesse momento era uma

confusão porque todos que sabiam ler queriam responder, mas alguns não se manifestavam porque não sabiam ler bem, então não sabiam responder. A professora não desistia de ajudá-los, os chamava para frente e ensinava com calma.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer esta investigação sobre o tema leitura trouxe para nós, uma boa concepção sobre os métodos pedagógicos e as estratégias de leitura que a docente do 2º e 3º ano da EMEF de Ajó utiliza para estar auxiliando seus alunos a terem uma melhor compreensão sobre a importância da leitura.

Como alunas egressas de classes multisseriadas, através dessa pesquisa percebemos que não são as classes multisseriadas do campo as responsáveis de haver ainda no Brasil pessoas com problemas na leitura, pois ainda existem algumas escolas que não são multisseriadas que passam pelas mesmas dificuldades. Isso acontece por consequência da falta de apoio e compromisso do nosso governo que precisa olhar mais cuidadosamente para o ensino público em geral, principalmente nas escolas multisseriadas do campo que necessitam de muito auxílio, tanto na estrutura quanto na qualidade de ensino.

Muito ainda há de se fazer para que seja alcançada uma escola real, mas que aos poucos essa realidade poderá ir ganhando novas formas se tiver o auxílio de pessoas interessadas na melhoria do ambiente escolar.

Para começar, a escola do campo precisa de uma estrutura adequada, um ambiente amplo, motivador, atrativo para que os alunos sintam-se a vontade no processo de ensino aprendizagem. O currículo deve ser construído de acordo com a realidade vivida pelos sujeitos do campo. Para um bom desempenho educacional também é importante que o professor esteja comprometido em auxiliar na construção do conhecimento desses indivíduos.

São muitos os desafios que os docentes de classes multisseriadas enfrentam para desenvolver suas práticas de leitura com alunos de séries e idades diferentes fazendo com que todos tenham um bom aprendizado, mesmo que muitas vezes as estruturas das escolas não estejam favoráveis, que haja ausência do apoio das secretarias de educação, que seja frequente a falta de materiais didáticos, que haja carência de formação continuada adequada para os docentes, entre outras mazelas presentes em escolas do campo, alguns professores parecem querer mudar a realidade de sua escola e de seus alunos.

Mas o que nos deixa contente é que apesar de todas as dificuldades encontradas pela professora do 2º e 3º ano da EMEF de Ajó ela não desiste de fazer com que seus alunos obtenham sucesso no processo de ensino da leitura, para isso busca participar de formação

que possa melhorar suas práticas de ensino para proporcionar um melhor suporte para seus alunos.

Pelas falas da professora notamos que ela sente muita falta do apoio dos pais de alunos que se faz muito ausente. Sabemos que é muito importante que os pais ou responsáveis de alunos estejam entrosados com o ambiente escolar assim como os demais sujeitos envolvidos nesse contexto, pois se os pais estiverem em parceria com os professores podem estar ajudando os mesmos em suas atividades porque estarão mais envolvidos com os alunos fazendo parte, assim, da realidade e experiências dos discentes que com certeza terão um melhor desempenho no ensino da leitura.

Durante os dias de observação notamos que a professora precisa buscar formas para tornar as aulas e a leitura mais prazerosa, criar metodologias para fazer com que os alunos sintam o desejo de frequentar a escola e por consequência sentir prazer pela leitura. Na escola existem muitos livros interessantes com imagens atrativas que pode ser bem utilizado para esse processo de ensino da leitura, pois, um livro somente com textos ou poucas gravuras pode tornar a leitura cansativa e desestimuladora.

As experiências que os alunos trazem consigo precisam ser levadas em consideração no momento da produção do plano de aula, da escolha dos materiais a serem utilizados, das dinâmicas quando se fazem presentes. O professor precisa ter o gosto e o domínio da leitura para que possa estar ensinando de forma clara e objetiva as informações que um texto apresenta.

Para que os alunos do 2º e 3º ano da EMEF de Ajó possam obter sucesso na questão da aquisição da leitura é preciso que os professores estejam inseridos no espaço escolar comprometidos em proporcionar um ambiente educacional atrativo para que os alunos sintam-se a vontade para aprender a ler. Consideramos que a leitura não serve apenas para se adquirir conhecimentos, serve também para auxiliar no exercício da cidadania, especialmente para os alunos vindos das classes multisseriadas do campo, pois a comunidade campesina em geral, assim como todos os brasileiros, possui seus direitos e precisa ser respeitada de forma que tenha uma educação de qualidade onde todos sejam beneficiados.

A formação de professores é de grande importância para o preparo e desempenho das práticas pedagógicas dos docentes para que assim sejam atingidas metas expressivas a favor das escolas do campo.

Fomos alunas de classes multisseriadas quando estudávamos a educação infantil e fundamental. A realidade era bem mais diferente e tinha menos recursos didáticos. Os professores não tinham muitas opções de inovar as aulas. Havia pouco envolvimento do aluno

com o docente devido ser muito aluno e muito trabalho. Além disso, não existiam escolas: estudávamos em barracões ou casa de professores. As escolas que tínhamos eram precárias.

Mas observamos atualmente que já houve um avanço nas práticas pedagógicas dos professores e que já há um maior envolvimento das crianças nas aulas junto com os professores. Por isso, os mesmos tem uma maior facilidade de aprender a ler e escrever. Mesmo com esses avanços a escola multisseriada necessita de atenção governamental para que os docentes sejam preparados para atuar em busca de obter maior sucesso no processo de leitura e escrita.

Ao finalizar esta pesquisa mostramos a necessidade de construirmos um novo olhar para as escolas multisseriadas do campo e sem dúvida, o investimento na formação específica dos professores para a diversidade da escola multisseriada é indispensável para propiciar melhor organização e desempenho nas práticas pedagógicas.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Por uma educação romântica**. 5. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2002, 49 p.
- ATTA, Dilza. Escola de classe Multisseriada: reflexão a partir de relatório de pesquisa. In: **PROGRAMA DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO DO DESENVOLVIMENTO MUNICIPAL (PRADEM)**. Escola de Classe Multisseriada. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação Clemente Mariano, 2003. Série Grupo de Estudo, n.1, 28 p.
- BAMBERGER, Richerd. **Como incentivar o hábito da leitura**. Tradução de Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BAPTISTA, Francisca M. Carneiro. Educação rural: das experiências de políticas públicas. In: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimentos Agrários. **Série Debates e Ação**, vol. 2. Brasília: Abaré, 2003.
- BARROS, Oscar Ferreira. Classes Multisseriadas em Escola Rural-Ribeirinha: a práxis pedagógica de uma educadora. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (Org.). **Cadernos de Atividades Pedagógicas em Educação Popular**. Nº 1, Belém: CCSE-UEPA, 2004.
- BELLO, José Luiz de Paiva. Educação no Brasil: a História das rupturas. In: **Pedagogia em Foco**, Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb14.htm>>. Acesso em: 05/03/2014.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente: Diário Oficial da União Lei nº 8.069, de 13/07/**. Brasília: 1990.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Primeiro e Segundo ciclo do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL, Presidência da República. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 03 de março 2014.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística: Pensamento e ação no magistério**. 10ª edição- São Paulo :Scipione,1997
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 10 ed. São Paulo: Scipione, 2001

CARVALHO, Sousa. et, al (Org.). **Educação do Campo no contexto do semiárido tessitura de um processo.** Autêntica, 2010.

CARVALHO, Tereza Fachada Levy. As aulas régias no Brasil. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil: séculos XVI-XVIII.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 23ª ed. São Paulo: Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 31ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Professora sim, tia não.** São Paulo: Olho d'Água, 1995.

FRANÇA, Magna. Políticas de gestão e qualidade: desafios para a educação básica. In: FRANÇA, Magna; BEZERRA, Maura Costa (Orgs.). **Política Educacional: gestão e qualidade do ensino.** Brasília: Líber Livro, 2009.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **História da educação brasileira.** 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GHIRALDELLI, Paulo. **História da educação brasileira.** São Paulo, Manole 2003.

GHIRALDELLI Jr., Paulo. “**História da educação**”. Cortez. São Paulo-SP, 2003.

GUBA, E. G. & LINCOLN, Y. S. **Fourth generation evaluation.** London: Sage Publications, 1989

HAGE, S. M. e ROCHA, M. A. (org.). **Escola de Direito: reinventando a escola Multisseriada.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

\_\_\_\_\_. Salomão et, al. (Org). A Multisserie em pauta: para transgredir o Paradigma Seriado nas Escolas do Campo. Florianópolis. Insular, 2011.

[http://www.des.faced.ufba.br/educacampo/escola\\_ativa/multisserie\\_pauta\\_salomao\\_hage](http://www.des.faced.ufba.br/educacampo/escola_ativa/multisserie_pauta_salomao_hage)

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura.** 3. Ed. São Paulo: Pontes 1989.

MARCÍLIO, Maria Luiza (2005). **História da escola em São Paulo e no Brasil**. São Paulo, Imprensa Oficial.

MEDEIROS, Márcia de P. da S. G. **Professores alfabetizadores e suas memórias de Leituras:** uma análise de professores da EMEF Profª. Maria Valda Braga Valente. In: SILVA, Gilmar P. da. e RODRIGUES, S.(org). **Linguagem e Educação na Amazônia faces e interfaces de pesquisa:** prática de leitura e escrita. V. III. Cametá – pa: UFPA/CUNTINS.

MUNARIM, Antônio. Elementos para uma Política Pública de Educação do Campo. In: MOLINA. Mônica C. (Org). **Educação do campo e pesquisa:** questões para reflexão. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), 2006. Disponível em: < [www.bvseps.icict.fiocruz.br/lildbi/docsonline/get.php?id=1754](http://www.bvseps.icict.fiocruz.br/lildbi/docsonline/get.php?id=1754)>. Acesso em: 03 de março. 2011.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PÁDUA, E. M. de: **Metodologia da Pesquisa:** Abordagem Teórica – Prática. 10ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2004.

SAVIANI, Dermeval. **Educação brasileira: estrutura e sistema**. 10. Ed. – Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Trad. Claudia Schilling. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed. 1998.

TEIXEIRA, Elizabeth, **As Três Metodologias: acadêmicas da ciência e da pesquisa**/Elizabeth Teixeira. 5º Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

YUNES, Eliana. OSWALD, M. Luiza. **A experiência da leitura**. Edições Loyola. 2003.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Construção do conhecimento em sala de aula**. 15. Ed. São Paulo: Liberdade, 2004. 141p.

WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

# ANEXOS



Imagem 1: Entrada da escola



Imagem 2: Crianças prestando atenção na aula.



Imagem 3: Algumas crianças que estavam presente na sala de aula.



# APÊNDICE

## **ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM OS DOCENTES**

1. Nome completo
2. Nome da escola
3. Há quantos anos trabalha nessa escola com classes multisseriadas?
4. Qual o seu nível de formação?
5. O número de alunos em sua classe?
6. Quais as séries e a idade de seus alunos?
7. Onde você mora, na cidade ou no campo?
8. Você recebe alguma formação para trabalhar com a multisserie?
9. Como se dá a aquisição da leitura na sua turma?
10. Quais metodologias você utiliza para ministrar aulas a todos os alunos ao mesmo tempo?
11. Você tem algum aluno especial? Se tem que estratégias utiliza para ensinar a leitura para ele?
12. Qual a sua maior dificuldade em trabalhar leitura em uma classe multisseriadas?
13. O que você pensa sobre a leitura na multisserie?
14. Seus alunos possuem muitas dificuldades no processo de aquisição da leitura?
15. Ao final sua turma apresenta sucessos no processo de aquisição da leitura?
16. Você gosta de sua profissão?

**TABELA DO RELATÓRIO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE  
CAMETÁ/PA (SENSO 2013)**

<b>NÚMERO DE ESCOLAS MULTISSERIAS NO MUNICÍPIO DE CAMETÁ/PA</b>	<b>NÚMERO DE PROFESSORES</b>	<b>NÚMERO DE ALUNOS</b>
<b>130</b>	<b>198</b>	<b>322</b>